



Y'all

LJ

A PILHERIA

ANNO VIII.

RECIFE, 8 DE JANEIRO DE 1927.

NUM. 276.



A CREADAGEM, as compras, os "rapazes," as visitas! Quantas coisas, Deus meu, quantas coisas a attender! Naturalmente ha dias em que a pobre Mamãe se irrita, fica nervosa e acaba com uma tremenda dôr de cabeça e molesa em todo o corpo. Com que anciedade recorre ella então á

CAFIASPIRINA

Dois comprimidos, um copo d'agua e eil-a de novo, Mamãe tão bem disposta, risonha e activa como de costume.

E para os pequenos quando estão com dôr de dentes e de ouvido, para o papae quando trabalhou demasiado, para a vóvósinha quando a afflige o rheumatismo, para toda a familia, em summa, *Cafiaspirina* significa allivio, bem estar e alegria.

E tambem o ideal para as nevralgias, as enxaquecas, as consequencias do trabalho mental excessivo, os abusos alcoolicos, etc. Não affecta o coração nem os rias.



Não aceite comprimidos avulsos. Peça o tubo com 20 comprimidos, ou o enveloppe "CAFIASPIRINA" com dois, ou então o disco "CAFIASPIRINA" com um comprimido.

COMENTARIOS



OS NOMES DOS OUTROS

Não sabemos si, nas outras cidades do paiz, os automóveis são baptisados. Sabemos, entretanto, e de scienza propria, que os autos, em Recife, pouco a pouco vão recebendo nomes pomposos e retumbantes.

Roda por exemplo, pela cidade, o auto *Ba-ta-clan*. É um nome moderno, e que nos traz saudades das mulheres quase nuas de Madame Rusimi. E o dono do *Ba-ta-clan*, sem idéas reservadas, está prestando uma linda homenagem áquellas creaturas — anjos e demônios — que, durante uma quinzena de setembro do anno que se foi, glorificaram energias moças, fazendo despertar, ao mesmo tempo, energias adormecidas.

Hony soit qui mal y pense!

Passa, por nós, de vez em quando, o *Flirt*.

E' um *Essex*, si não nos falha a memória.

O nome é doce, macio, harmonioso. E muito proprio para um automóvel...

O automóvel veiu ao mundo para encurtar as distâncias, para atropellar os transeuntes, e para... (como diremos?) para nos proporcionar ao cahir das tardes, nessas longas avenidas, a delícia do flirt...

Não ha nome melhor para



um automóvel.

De vez em quando temos o *Jahn*. O *Voador* já tem passado, muitas vezes, ao nosso lado.

O auto do sr. dr. Sub-escrivador dos Feitos da Fazenda também é baptizado.

Chama-se *Amaro*, que é o nome do dono.

E esse nome amarço. Às vezes, é muito doce...

Outros autos já foram levados à pia baptismal.

Conhecemos o *Mimoso*, que, apesar do nome, certa manhã, ia nos colhendo nas rodas, em plena rua Nova.

Conhecemos também o *Sagres*. O dono, já se vê, é um authentico portuguez. E' a nostalgia dolorosa no nome étnico da batalha...

Ha tres ou quatro dias vímos o *Washington*.

E si ha o *Washington*, o *Cruzeiro* vem em caminho. Será fatal.

E outros de que não nos lembramos, agora, nessa clara manhã de janeiro, quando bordamos, sem pretensões e sem vaidades os primeiros comentários desse anno novo.

Louvemos a idéa original do baptismo dos automóveis. E louvemos porque a idéa é "vigorosamente pernambucana"...

E si é pernambucana; nós a acceptamos de bom grado, com entusiasmo, e a proclamaremos por toda a parte, até que a vejamos vitoriosa.

Aconselhamos, entretanto, bom senso na escolha desses nomes.

O *succo*, o *Vae quebrar*, a *bessa* e outras expressões que nasceram nas camadas inferiores da sociedade, não devem ser aproveitadas.

Ha os nomes dos heroes, ha os nomes historicos, ha as datas nacionaes, ha as palavras doces e felizes da língua portuguesa, que serviram, perfeitamente, para o baptismo dos carros.

Sejamos intelligentes. Mesmo nas pequeninas cousas. Tenhamos antes de tudo, a preocupação do bom senso e da distinção. A beleza moral de um povo está na fidelguia e na nobreza de sua linguagem.



A HEROINA DO CONTO

Confesso que até então não havia reparado nela. Tomava o bonde alguns quartéis adiante, sentava-se em qualquer banco e mergulhava na sua leitura, enquanto eu ia engolfado na leitura do meu jornal, da minha revista ou do meu livro. Tinhamos à nossa frente dez quilômetros e uma hora de viagem, e, sem uma revista na mão, aquillo se fazia terminável.

Naquella manhã, tira subiu no veículo como de costume. Vi-a de soslaio, apenas. Eu ia pela metade de um conto, de um conto de amor, para maior clareza.

Era um desses tipos neutros de mulher, nem alta nem baixa, nem magra nem gorda. Em summa: uma mulher que, positivamente, não despertaria interesse, nem mesmo quando fosse acompanhada cu a gente a viesse nos braços de outra... Os leitores me entendem, não é assim?

Entremes, ouvi soar, junto ao meu ouvido esquerdo:

— Com sua licença, cavaleiro!

Era para sentar-se a meu lado. Ignorai si havia no bonde outros lugares desocupados. Como lhes disse, aquella mulher não valia uma averiguación. Afastei-me um pouco e ella se sentou onde queria. Abriu sua revista, e eu continuei minha interrompida leitura.

Esta era, porém, verdadeiramente insípida. Alguns metros adiante, fechei a revista com ar de enfado.

— Perfeitamente idiota, não?

Voltei-me rapidamente. Não havia dúvida: era ella quem tinha falado. Estava a olhar-me com olhos risonhos.

— Selo-o eu! — ajuntou.

Em verdade, a cousa me havia tomado de surpresa. Não é frequente que a vizinha de assento se encarregue de interpretar o pensamento de alguém. Deixei que ella lésse o meu, e juro como a qualquer um dos leitores teria ocorrido o mesmo.

— E seu? — perguntei, por fim, para quebrar o silêncio.

— Não — respondeu-me, sorrindo. Não sou a autora desse conto, mas a vítima.

Sou a protagonista.

Não podia ser. Olheia-a admirado e incrédulo. Onde estavam a "farta cabelleira negra", os "olhos garçons", as "lindas pestanas retorcidas", enfim, todos os primores da heroína do meu conto?

Mas, havia, além de tudo, uma impossibilidade moral.

— Como — perguntei — a senhora abandonou seu lar, quiz suicidarse, e, por ultimo...?

— Não, senhor — interrompeu, com uma gargalhada. — Que disparate! Eu sou a protagonista desse conto, simplesmente porque o sonho de todos os que se escrevem no Rio de Janeiro. Todo o mundo aqui faz contos. Como si fazer contos fosse a causa mais fácil deste mundo!... O senhor também ha de escrever os seus, não?

A pergunta era aggressiva. Respondi, um pouco vergonhado, que, efectivamente, tinha alguns na minha consciencia. E, para justificar-me, acrescentei:

— A verdade é que também m'os publicam, o que não deixa de ser, até certo ponto, uma compensação.

— Não yê? — exclamou ella, triunfante. — E todos se ocupam de mim, como si não houvesse outro thema no mundo!... Bem está vendo quo sou digna de compaixão!

Calou-se um instante, com um abatimento cómico.

— Não, o senhor nunca poderá imaginar o que é este penoso officio de protagonista. Eu sou uma rapariga como todas: nem melhor nem menor que as outras. Levo uma vida tranquilla e relativamente feliz. Por que, então, os escriptores de contos implicaram commigo e se empenham em atormentar-me de mil formas, fazendo-me commetter horrores que nunca me passaram pela imaginacão?

A moça dizia isso quasi a chorar. Eu aproveitei essa emoção para observá-la com mais attenção. Pela vulgaridade do contorno e o impreciso das linhas, parecia uma dessas photographias superpostas.

A conversacão tomava um rumo desagradável, e eu traté de desvia-la.

— Imagine como os trilhos se empenham em passar debaixo do bonde. Si não fosse assim, que seria de nós?

Ella, porém, não me atendeu. Proseguiu:

— Seria curioso fazer uma estatística de todas as aventuras que diariamente me fazem praticar. Não ha dia em que não appareça passeando ao longo de uma alameda que se desfolha silenciosamente na bruma dourada do outono, enquanto em minhas oliveiras ilizas brilham as lagrimas produzidas pela leitura da ultima carta de meu amado... Senhor, que alluvião de loucuras! Como si aqui houvesse alamedas, e brumas douradas no outono, que, afinal, é a época mais clara e alegre do anno, e houvesse, também, meninas que passeiam por elas com cartas do namorado!

— E verdade — concordei. Que mais tinha a dizer?

— E nem falemos nas cartas de amor! Verdadeiros compendios do mão gosto, nos quais não falta um só tozar commun... Mas será que vocês nunca escreveram uma carta de amor?

— Como nós? — Sim vocês, os fabricantes de contos... Vocês acabarão abrindo escola. A infeliz leitora acabará julgando que, para se dirigir ao noivo, é necessário usar esse phraseado banal que vocês inventam: "Meu nobre coração ferido", "minha juventude truncada", etc.

Eu instinei um sorriso forzado, mas a verdade é que tinha os meus remorsos.

— Outro absurdo — continuou ella — são as minhas mortes. Não sei si saberá que eu morro pelo menos uma duzia de vezes por semana. Não falta quem me arroje pelo precipício, ou me atire á agua numa fria madrugada de inverno... E claro que o papel aguenta tudo, e nessas ocasiões ha de apreciar sempre um joen alto, de olhos negros e bella cabelleira de poeta, herdeiro de respeitável fortuna, e que, visualmente, passava por ali. Mas o senhor me desculpe o estar aborrecendo com esses detalhes ridiculos das minhas ridículas aventuras. Si fosse só isso, senhor,

efetá-mé, eu não me lastimaria. Mas, são ainda os horrores nos quais me mettem, sob pretexto de cór local ou de fidelidade realista. Isto é o que mais me indigna! Quisera que o senhor escrevesse bem claro que eu sou uma mulher honesta. Pelo menos, geralmente, honesta e simples. No entanto, para todo um severo literário, minha vida se desenvolve matematicamente, como a natação, em seis tempos: 1.) o "mal passo"; 2.) o abandono; 3.) o "cabaret"; 4.) primeira saída do "cabaret" nos braços do homem bom; 5.) aborrecimento e volta ao "cabaret" e ao homem mau; 6.) e último, morte no hospital. Que me enforquem si não se reunir um milhar de contos, novelas, obras de teatro, etc., etc., que não estejam calcadas nesse cliché.

Eu, francamente, não sabia o que pensar. Devia ter um ar perplexo, porque ela exclamou:

— O senhor me parece um moço discreto. Está em tempo ainda. Não escreva mais contos, e, sobretudo, me deixe em paz, de uma vez por todas. Ha tantas coisas para fazer neste paiz...

— Obrigado pelo conselho — murmuriei, não muito cortez.

— E si, por desgraça, a penna o tentar muito, — ajuntou ella — saia á rua a observar, a ver e ouvir, e descreva a vida moderna, tão intensa, tão multipla, a multidão que nos cerca, tudo o que palpita em torno de nós.

Ella se exaltava, visivelmente. Algumas pessoas começavam a nos observar, espantadas. Um senhor de bigode exuberante, que ia alguns bancos na frente, julgando que eu incomodava a minha vizinha, me fuzilava com os olhos.

Mercurio Colloidal Néo-Sorosol

Instituto Bietherapico de Bello Horizonte

Conselho technico: Drs. A. Godoy, A. Machado, Marques de Sa e Carneiro Felipe

Director Gerente: — A. Libanio, Pharmaceutico Ismael Libanio

A illustrada classe medica tem no NEO-SOROSOL um novo producto mercurial que se recommenda particularmente por possuir vantagens reaes sobre todos os similares.

- a) O NEO-SOROSOL não contém analgesico e é absolutamente indolor;
- b) O NEO-SOROSOL é um composto de sulfureto de mercurio (S. Hg.) em estado colloidal de concentração até hoje não attingida e obtido por processo inteiramente original e patentado;
- c) O NEO-SOROSOL é um preparado cujo coloide se mantém absolutamente estavel, por isso nenhuma necessidade ha de agitar as **ampolas**;
- d) O NEO-SOROSOL não se altera tendo sempre em qualquer tempo o mesmo valor therapeutico;
- e) O NEO-SOROSOL é de prompta assimilação e não produz nodulos;
- f) O NEO-SOROSOL é 10 vezes mais rico em mercurio do que qualquer dos preparados colloidaes congeneres, nacionaes ou estrangeiros;
- g) Fela sua forte concentração, sob forma de finissima granulação ultramicroscopica, gosa o NEO-SOROSOL sulfo-mercurio de extraordinaria ação therapeutica no moderno tratamento da syphilis, em qualquer das suas manifestações.

Literatura e outras informações com os depositarios geraes para todo o Brasil
ISMAEL LIBANIO & COMPANHIA

Pharmacia Americana e Drogaria

Endereço telegraphico — LIBANIO

Rua da Bahia, 928 — Tel. 74 — Bello Horizonte — Minas Gerais
O NEO-SOROSOL é encontrado em todas as drogarias, farmacias e casas de cirurgia.

— Prometto-lhe fazer tudo o que queira — disse-lhe, em voz baixa; — mas peço-lhe que não arme escândalo.

— Prometta-me então, escrever um bom artigo, claro, forte, profundo. Faça seus

todos os meus protestos. Observe essas operariazinhas: todas vão lendo, nos bondes, as minhas supostas aventuras. Acha que alguma coisa util e boa pode dar essa semente? Não vê que com

Casa Couceiro

Os mais lindos artigos para presentes
V. Exc. encontrará neste conhecido e afreguezado estabelecimento.

Rua Barão da Victoria, 247

A PILHÉRIA

tal leitura elas têm uma pessima idéa da vida? Precisamente elas que não estão em condições de comprovar a mentira de tudo quanto lêem?

Tinhamos, porém, chegado ao fim da viagem.

Já na rua, ao se despedir, ella me extendeu a mão enluvada e, mais uma vez, me recommendou:

—O senhor não se esqueça de que deve escrever tudo isso, ouviu? Creio que, afinal, encontrei uma pessoa que comprehende.

Houve um silencio demorado.

—Sim — disse eu, por fim, hesitante. — Um artigo talvez não, mas, talvez, algo... algo que já fiz outras vezes: um... um...

—Que? Um conto? — gritou. — E eu que havia confiado no senhor! Vá para o inferno, miserável!

Fez um gesto de indignação. Afastou-se rapidamente e se perdeu no meio da multidão.

M. C.

Um heroe

(Quasi authentica).

Meio dia. Sol a pino.

Madame é nervosa, irascível. Sae. Sua physionomia não revelava precisamente uma philosopha, nem tampouco madame levava ao sol uma lanterna accesa. Quem a visse, porém, não se enganava: madame procurava um homem...

Sepharim não a viu.

A emoção, a colera dominavam-a, sacodiam-a, e a mão, por seu turmo, agitava, sacudia um respeitável *paraguas*.

Em dois annos de casada madame possuía no seu esposo infidelíssimo o attestado consciente da canalhice e da libertinagem, e desse a vespera não lhe aparecia em casa, onde um telephonema anonymous e indiscreto lhe anunciava conspiratoriamente que o encontraria almoçando em compagnia de uma francezinha na *rotissérie* tal. Madame buscava-o, portanto.

Na porta do restaurante, porém, é o Sepharim que se derrete aos olhos de uma gracieu-

se, com o seu terninho "último talho" que madame supõe, logo, conhecer profundamente: Sepharim estava num de seus dias de amargura...

Madame não investigou mais, e sem outros preambulos, ataca-o pelo flanco trazeiro, desanca-o a guarda-chuva! Quando descobriu o engano, Sepharim era uma lastima! O engano commoveu-a: "Oh! perdão, perdão-me! confundi-o com o meu marido! Queira perdoar-me, perdoar-me!... O Sepharim, entretanto, era um destes conquistadores inveterados que se não desconcertam com uma simples surra, e mal se compuzéra, de chapéu na mão e assumindo um ar classicó de alambicamento, lassimou a infelicidade conjugal de madame: "E'. Foi pena enganar-se. Deve desprezal-o, deve vingar-se! O seu marido é um infiel, um idiota, alheio à sua graça, ao brilho inconfundivel de seu encanto!"

Madame mal o ouvia, e apenas, envergonhada, lhe repetia que a perdoasse, que a perdoasse; que o seu marido era um mau, era um mau! Quando o Sepharim animado arriscou: "E' um mau.. é um per-

verso! Não o podpe! Pena de Taltão, com: «ile! de Taltão!... E é justo. Eu já o substitui, na surra, e, não obstante, sinto que a... amo! Eu a amo! Substituiria de outra forma... Era natural, natural..."

Desta vez não houve engano nenhum: o Sepharim apanhou como um heroe!

Irgontão.

PERFIL DE AUGUSTO RODRIGUES FILHO

Quem não conhecerá esse interessante e sympathetic garotinho?

Extremamente delicado, tez alva, olhos vivos irrequietos e cabellos castanhos claros bem estirados.

E' muito criança ainda, conta apenas 12 á 13 risonhas primaveras cheias de rosas sem espinhos.

Augustinho, é o seu apelido de familia; e eu mesma, não sendo da familia, chamo-lhe docemente Augustinho.

E' applicado alumno do Gymnasio do Recife, onde é bastante estimado por seus mestres e colleguinhas.

Augustinho tem muitas amigas, e entre essas está a

Moreninha. Triste.

ONEA

Recoloração
dos cabellos
pela

ONEA

Novo
product
sem nitrato
de prata

DEPOSITARIOS :

Manuel & C.

B. R da Victoria
N. 203



CONTO SEMANAL

ORAS PIPOCAS!

A viagem a cavalo no sertão das Alagoas fôra penosa; e o capitão Luis Paulo vinha esbaforido de calor e com muita sede.

Cinco horas marcava o relógio de bolso.

No terreiro brincavam dois pequerruchos a meio corpo nus, quando ao mais taludo se dirigiu o cavalleiro:

—Dá-me um copo d'água, menino?

—Não tenho água, não...

—Não me amola, criança.

—O **sinhô** não é faca, p'ra eu amolar!

—Ora! já se viu!! Dá-me um copo d'água, que estou com sede.

—O **sinhô** não quer acreditar? Não tenho água em casa, não!

—Então na tua casa não se bebe água?

—Bebe-se, sim, **sinhô**.

—E por que não a tens?

—Porque a **vovó** levou o neto p'ra fonte. Ah! está...

—E a fonte é longe?

—Não, **sinhô**, é ali, concluiu o pequerrucho, esticando o labio inferior.

—Então não deve alia demorar, não é?

—Demora, sim, porque foi lavar também roupa.

Já meio amolado com as indagações do homem, indagou o pequeno pela sua vez:

—Gosta de garapa?

—Gosto, sim, e muito.

—Quer beber garapa?

—Oh! meu santo, quero!

Desapareceu o menino, e trouxe em seguida uma cuia cheia da sumo da canna, que o pobre viajante bebeu com satisfação indescritível.

—Quer mais?

—Nunca bebi garapa tão boa! Tens mais, meu bom amiguinho?

—LA dentro temos uma lata cheia.

—Accepto.

De subito tornou o pequerrucho a desaparecer, e voltou em seguida com a cuia a transbordar.

O viajante entornara-a em poucos tragos.

—E o **sinhô** quer mais?

—Não, meu **nêgo**. Pode tua **vovó** irritar-se contigo, nor estares dando-a sem ordem della.

—Não se incomoda, não...

—Por que se não ha de incomodar, si é ella pobre, e si ha de essa guarapa fazer-lhe falta?

—E' porém ella não quer a garapa, não!

—Por que?

—Porque estava um rato morto dentro da lata!

O homem, que tinha mau estomago, vomitou o sumo da canna.

Ralhara com o menino, quando chegara inesperadamente a velhinha. Esta reconheceu o capitão Luis Paulo, e ofereceu-lhe pouso, acrescentando não ter couça alguma para o hóspede jantar.

—Nem ao menos uma gallinha! Inquiriu este, impaciente.

—A que tinha, matei hontem para um senhor que pousou aqui.

—Ovos, então...

—Os que tinha, comi hoje por falta de outro alimento.

—Está ruim este negócio, está! Não pôde fazer pirão escaldado? Só para matar a fome.

—Não ha farinha. Em casa não tenho nada, nada que se coma. Estou passada de vergonha, porque parece incrivel, mas é verdade! Si adivinhasse, eu não mataria hontem a minha gallinha! Ah! si adivinhasse...

—Está bem, filha. Seja feita a vontade de Deus. One hei de fazer, si não me resignar!?

Effectivamente, estava resignado, e já se havia deitado numa rede, para se entregar a fusta sonca, quando veio a velha interrompê-la.

—Senhor capitão! O senhor capitão!

—Que ha? perguntara este um tanto enfadado.

—Gosta vossa senhoria de pipocas?

Na boa esperança de, ao menos, consolar o estomago, criou alma nova!

—Pois não, filha: gosto muito.

E retorceu-lhe a velha tristemente:

—Que pena! Si tivesse milho, tria eu fazer uma pipocas para o senhor capitão!

—E o capitão amolado e solenne:

—Ora pipocas!

PROPAGANDA PELA MA' LINGUA

Foi em Pariz, pelas alturas do anno de 19. Estava em moda a propaganda do Brasil na Europa e o dinheiro que Martinho economisara sacrificando a sua popularidade, como a de Campos Salles, corria em caudal pelos boulevards, cafés elegantes e cabarets de Montmartre.

Uma tarde encontro no Bois, armado de Kodack, muito chibante e rozeo o Castro Moura que apenas iniciava o seu commercio de livraria hoje em plena prosperidade.

— Por aqui! ha muito tempo?

— Não, ha dias. Ainda estou muito pelludo... Só hoje vim conhecer o Bois...

— Um bom dia: ha hoje corridas em Longchamp; e o Moura já vaqueano em Pariz, tomou-me pelo braço e lá fomos a conversar do Rio nelas aléas que uma deliciosa pri-



mavera emoldurava de flores.

Ao passarmos pelo café de Madrid, de um grupo de ranaques alegres e bem postos vales chamaram o Moura.

— Amigos? indaguei.

— Conhecidos: gente do Rio. Aproximamo-nos.

— Conhecem-se?

Não nos conhecíamos. Fitas as apresentações regulamentares abancamo e vieram bocks louros.

A palestra foi o Brasil — mais especialmente o Rio. Como houvesse na roda dois parisienses, jornalistas, falamos frances, o que era perfeitamente bem.

Um dos nossos patrícios mediu notícias da política; é verdade que recebia jornaes mas

não os lia. Para que? para ler vergonheiras, miserias, infâmias...

Foi a deixa; os outros concordaram e, a propósito de política, citaram factos a fazer corar um monte de cal.

Mas não é só a política, é tudo mais, a instrução pública, por exemplo... e surgiu um novo cazo.

Da instrução passamos à justiça, ao comércio, à indústria, à agricultura ao exercito.

Foi um desançar sem nem piedade; não ficou de pena instituição nacional: reis, miserável, a esfregar podre.

Eu sentia-me mal, além do mais pela presença daquelles franceses: protestar? a *bon*? seria provocar uma discussão azeda com gente que me era quasi desconhecida — cuja argumentação estava lon-

A SYMPATHIA



convida ás exmas.
familias
para uma visita ao
seu atelier
de chapéos com
os mais
lindos modelos.

R. Livramento, 80

Phone, 634

que me demonstrava que fora tempo perdido contradizê-los.

Mas a certa altura passaram a atacar a família brasileira: não havia senhoras honestas; as meninas já saíam do colégio como c. Maud Pereira de Marcel Pravat...

Nesta altura o Moura que estivera a sorrir, contrafeito, arriscou um protesto delicioso:

— Perdão! eu sou português, mas vivo no Brasil ha

bastante tempo para conhecer a família brasileira...

Todos falaram a um tempo, reforquindo à defesa esboçada; eu que cominha os nervos para não disparatar, seguia de melhor alvitre lembrar a hora da corrida e convidar o Moura a partir. Levantamo-nos, entre os protestos de *plaisir de voi en naissance*...

E foi quando já íamos a vinte passos de distância que par

puntei aí meu camarada...

— Mas que tipos são esses zinhos que vem a Paris para fazer meetings contra a pátria...

— Ah, não são micos rapazes... são empregados do Bureau de Propaganda do Brasil em Paris...

— Ah, logo vi... fiz eu. E fomos ver os cavalos.

LOPO LOPES.



ANTIGUIDADES

Fumavam os antigos? É difícil saber se Cesar Augusto ou se Cicero tinham o cachimbo entre os lábios. Mas, apesar disso, lê-se no Umschau que em recentes escavações e pelas últimas descobertas parece quasi certo que para os grandes romanos esse vicio não era desconhecido. Encontraram-se de facto tubos metálicos revestidos de

madeira, na forma quasi idêntica dos cachimbos. Mas como podiam elles usar o tazoo, quando se sabe que elle apareceu pela Europa séculos mais tarde?

Autóres gregos fallam do costume espalhado entre os celtas e entre outros povos barbaros, de espirarem o fumo de certas substâncias vegetaes; e não é inverosímil suppor que os barbaros, vindo mais tarde a servir sob as

aguias romanas tivessem introduzido no império e no mundo latino aquelle hábito. E assim presumivel que nas origens, se usasse aspirar a fumaça de certas hervas tidas como medicinaes, com um intuito exclusivamente hygienico; o agradável efeito produzido por essas substâncias narcoticas e aromaticas transformou depois o preceito terapêutico em um hábito generalizado.



Anno Novo

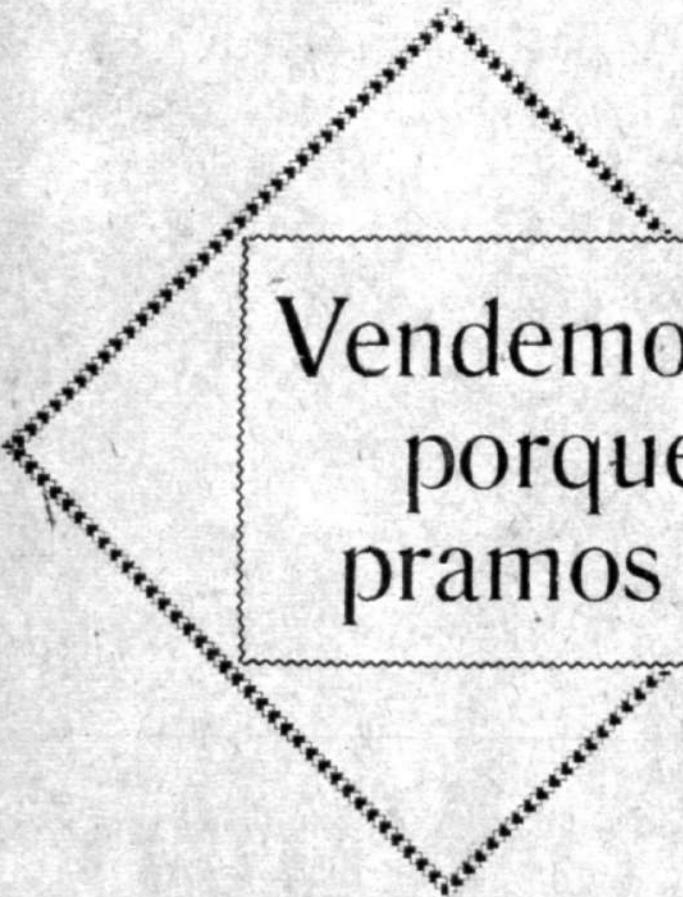


Au Bon Marché pede a atenção das exmas famílias para o seu optimo e lindo sortimento de artigos para presentes de que acaba de receber e brinquedos de crianças.



RUA BARÃO DA VICTORIA 55

Grande Venda



Vendemos barato
porque com-
pramos barato.

Antes de comprar calcados
e chapéos, visite as exposições
com preços marcados, em ar-
tigos novos, da

Casa Polar

Rua Sigismundo Gonçalves 121

ANNO VIII

A PILHERIA

P830
NUM. 276^D
Biblioteca Central

RECIFE, 8 DE JANEIRO DE 1927

ALFREDO PORTO DA SILVEIRA — DIRECTOR

No silencio do amor

O silencio, nos intimos cônchegos, é motivo crepitante de amôr. Nas grandes distancias, como a morte, semeia a inacção affectiva e faz acção de gelo nas fogueiras.

Hontem, quando ella ficou em silencio e elle falou-lhe com um olhar e cantou num sorriso o mais lindo hymno de amôr, elles ficaram pensando que nunca deixou de existir o jardim do Eden.

O egoismo, que é a mais linda virtude da personalidade, elegeu-a uma creatura ideal. Ella se tornou uma deusa de si mesma, cultuando-se na sua propria adoração. No espelho se narcisa. Nos gestos se curva para adorar os proprios gestos.

Hoje, ella está em silencio — está distante.

Continúa a ser a sacerdotisa do seu proprio culto.

Tem o egoismo que a fez a mais linda creatura e a tornou um desejo eterno como uma supplica nos lábios de uma santa. E está silenciosa, na reclusão do seu orgulho de mulher egoista.

Exquisita. O orgulho da belleza não é o orgulho do amôr.

Agora ella está com medo que o silencio na distancia mate o amôr. E, num pensamento profano, imagina que nunca existiu o jardim do Eden.

NEHEMIAS
GUEIROS

Olinda, 2 de Janeiro de 1927.

Minha idolatrada Maria do Mar.

Numa cadeira, nesse mesmo terraço florido, onde, tantas vezes, fizemos nossas confidencias fraternas, olhava para o mar, tão sereno e azul, nessa tarde serena e doce do ultimo dia do anno, quando recebi tua mimosa carta cõr de rosa. Agradecoste as preces que, de certo, fizeste aos céus estrellados, pela ventura de meu viver. Eu tambem rezei pela tua felicidade, pedindo a Deus que te illuminasse, fazendo ti uma dessas criaturas harmoniosas, que vêm á terra, em certos dias de gloria, para consolar as almas sensíveis e soffredoras.

E Deus me ouvirá. Deus me concederá a imensa graca, em te coroando de bencãos. Ri-me muito de teu Papá-Noel. Um Papá-Noel do seculo XX, sentimental e generoso! Como elle é bom! Como elle é sonhador! O sonho da ventura sempre foi a unica razão de ser de sua vida.

Ainda-o a viver, enfeitando-lhe a vida de rosas. E's a mulher perturbadora do amor de Mario.

E para conseguires essa victoria de felicidade, esse triunfo amoroso, basta que procures obedecer incondicionalmente, ànelles princípios de vida em commun, de que nos falla, num de seus livros magnificos, o nosso queridissimo Julio Dantas. Respeita sempre, e em qualquer emergencia, o "eu quero" de Mario. E quando fores interrogada a respeito de teus desejos, de tuas vontades, de tras predileccões, de teus hábitos, de tuas preferencias, responderás, a sorrir, como as rainhas: "elle quer assim"...

O "eu quero" de Mario será a tua unica vontade, e o "elle quer assim" será o lema de tua vida. E assim, minha idolatrada Maria do Mar, alcançarás, sem contrariiedades, sem arrebatamentos nervosos, a felicidade ambiacionada, a felicidade que te fará a mais invejada das mulheres, os homens de temperamento frio, glacial, os homens indiferentes às delicias da vida, e indiferente aos estados de nossa alma, passam por nós sem nos deixar impressões carinhosas.

Entretanto, os homens sensíveis, egoistas, ciumentos,

CARTAS
DA
COR
DO
MAR

que se preocupam com a cõr de nossos alfinetes, deixam, em nossos corações, o fogo sagrado do amor. Falei com a experiecia de meus trinta e seis annos. Amei e fui amada assim, á borda de um vulcão, cujas lavas eram o egoismo, o amor-próprio e o ciúme de Othelo. Como fui feliz!

Essas criaturas amorosas e intrépidas, corajosas, capazes de todos os sacrifícios, têm ciúmes até de nossos vestidos. Não querem as pernas e os braços nus. Odeiam os grandes decotes. Têm ciúmes do ar, do vento, da luz

CABELLOS

UMA DESCORERTA CUJO SEGREDO CUSTOU 200 CONTOS DE REIS

A "Locão Brilhante" é o melhor específico para as afecções capilares. Não pinta porque não é tintura. Não queima porque não contém saes nocivos. É uma formula científica de grande botânico dr. Cround, cujo segredo foi comprado por 200 contos de réis.

E' recomendada pelos principais Institutos Sanitários do estrangeiro, e analysada e autorizada pelos Departamentos de Hygiene do Brasil.

Som o uso regular da "Locão Brilhante":

1º — Desaparecem completamente as caspas e afecções parasitárias.

2º — Cessa a queda do cabelo.

3º — Os cabellos brancos, descolorados ou grisalhos voltam a cõr natural primitiva sem ser tingidos ou queimados.

4º — Detem o nascimento de novos cabellos.

5º — Nos casos de calvície faz brotar novos cabellos.

6º — Os cabellos ganham vitalidade, tornam-se lindos e sedosos e a cabeça limpa e fresca.

A "Locão Brilhante" é usada pela alta sociedade de São Paulo e Rio.

A venda em todas as drogarias, perfumarias e farmácias de primeira ordem.

Alvim & Fratias cestionarios da Caixa Postal n. 1279

do sol, da luz das estrelas, do sereno da noite, da neve das manhãs.

Si desejamos ser felizes, e si desejamos dar ás criaturas de nosso amor toda a alegria que está nas nossas mãos, devemos satisfaze-las sempre, sem sacrificio de nossa vontade, mesmo porque, Maria, a mulher amada não tem vontade própria. Aquelle principio de que te falei, linhas acima, resolverá o assumpto: "elle quer assim"...

E por que falei em vestidos, lembro-me agora, minha doce Maria, daquelle criatura boa e generosa, egoista e doida por mim, a quem amei com entusiasmo, com felicidade deslumbra de mim mesmo, sem a noção exata do meus actos. Elle tinha horror aos vestidos de cores vivas. Possuia o sentimento da beleza suave. Era as cores claras que lhe agradavam o espirito illuminado. E tinha, tambem, horror, aos vestidos que chamavam a atenção dos outros homens. E até havia, tu, minha filha, que Othello! dos vestidos que despertavam a curiosidade das outras mulheres...

Era elle quem escolhia o figurinos. Disentia commigo horas e horas, e ronda sempre. Às vezes, a costureira modificava o figurino, e eu um enfeite, pregando ali um babado. E esse facto era o bastante para que visse um pedaço do céu à terra...

Ria-me, beijava-o, e passando da tesoura cortava o enfeite, substituia o babado, e arranjava um cinto de seu agrado... Elle ficava tão alegre!...

E quando minhas amigas me fallavam a respeito de vestidos, eu lhes respondia, a sorris: "elle quer assim"...

E fui muito feliz. Depois de alguns annos, eu o comprehendia pela maneira de seu olhar. Comprehendia-o e me entregava a, submissa, sem uma queixa, muito carinhosa, á suas mãos de Rei, como se fosse uma flor indefesa.

Si tambem assim. Viverás a dominá-lo, trazendo-o acorrentado a teus pés. Sé, antes de tudo, muito delicada. Conheço muito bem a alma infantil de Mario. Ama-o, ama-o, e é ras rainha dominadora. E elle será o escravo agradecido. Adens. Beijo-te muito.

Tua amiga, do coração,

Maria da Glória.

Adeus, Rugas!



Appareceu, no Pará.
—Diz um jornal da manhã.
Um homem que anda "vestido"
A moda do "ba-ta-clan".

O cujo — vejam que coisa!
Saiba o leitor que eu não
(hebo!)

Anda, nas ruas, gritando:
—Eu sou o homem de sebo!

Faz elle questão serrada
E fico, mesmo, valioso
Quem todos vejam seu corpo
Gordo, sebento, lustroso.

Eu conheço muita gente
Que, por falta de lavagem
Anda, com o sebo escondido,
Por debaixo da roupa.

ZÉ DA PINGA

* * *

Completará annos na proxima segund-feira o distinto cavalheiro Ernani Antran, funcionario de cathegoria da "Pernambuco Tramways".

O anniversariante que é figura de destaque em nosso meio social, oferecerá um jantar, em sua residencia, em casa Amarelli.

* * *

Para estancar hemorragias nasaes uma revista ingleza aconselha dois processos: 1.º Manter no doente os dois braços erguidos acima da cabeça. 2.º dissolver 2 colherinhas de sal de cozinha em agua quente e injectal-as nas narinas por meio de uma pequena seringa. Outro processo, recomendado pelo dr. Hutchinsou, é mergulhar as mãos e os pés em agua quente sofrível.

Contra a surdez: põe-se uma colherada de sal em duas garrafas de agua e depois de ter estado 24 horas em dissolução agitando-a a garrafa de vez em quando, derrame-se uma colher no ouvido do doente. Praticando-se este remedio durante 8 meses, tendo-se sempre o cuidado de conservar o ouvido da parte de cima, obter-se-á uma cura completa.

Processo infallivel para lim-

3.000 dollars de premios se elas não desaparecerem. A mulher em toda a idade pode se rejuvenescer e se embellezar.

—E' facil obter-se a prova em vosso proprio rosto.
e em pouco tempo.

EXPERIMENTAI HOJE MESMO O "RUGOL"

Crème scientifico, preparado segundo o celebre processo da famosa doutora de belleza, Mlle. Dor Leguy, que alcançou o primeiro premio no Concurso Internacional de Productos de Toilette.

RUGOL — Opera em vosso rosto uma verdadeira transformação, vos embelleza e vos rejuvenesce ao mesmo tempo.

RUGOL — Differe completamente dos outros crèmes, sobre tudo pela sua ação sub-cutanea, sendo absorvido pelos pólos da pelle os preciosos alimento dermicos que entram na sua composição.

RUGOL — Evita e previne as rugas precoces e pés de galinha e faz desaparecer as sardas, panos, espinhas, cravos, manchas, etc.

RUGOL — Não engordura a pelle. Não contém drogas nocivas. E' absolutamente inoffensivo. Até uma criança recem-nascida poderá usal-o.

RUGOL — Dá uma vida nova à epiderme flacida, porosa e fatigada, emprestando-lhe a apparence real da juventude.

GARANTIA! — Mlle. Leguy, pagará mil dollars a quem provar que ella não tirou completamente as suas proprias rugas com duas semanas de tratamento apenas.

Mlle. Leguy offerece mil dollars a quem provar que ella não possue oito medalhas de ouro, ganhas em diversas exposições, pela sua maravilhosa descoberta.

Mlle. Leguy pagará ainda mil dollars a quem provar que os seus atestados de curas não são espontaneos e authenticos.

AVISO — Depois desta maravilhosa descoberta, inumeros imitadores têm aparecido de todas as partes do mundo. Por isso, prevenimos ao publico que não aceite substitutos, exigindo sempre

RUGOL

Mme. Harry Vignier escreve:

"Meu marido, que, em sua qualidade de medico, é muito desente por toda a sorte de remedios, ficou agradavelmente surpreendido com os resultados que obtive com o uso de RUGOL, e por isso tambem assigna o atestado que junto lhe envio".

Mme. Souza Vallence escreve:

"Eu vivia desesperada com as malditas rugas que me afejavam o rosto e depois de usar muitos crèmes anunciados, comecei a fazer o tratamento pelo RUGOL, obtendo a desapparicão não só das rugas, como das manchas, modificando a minha physionomia a ponto de provocar a curiosidade e admiração das pessoas que me conheciam".

ENCONTRA-SE NAS BOAS PHARMACIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS.

**Unicos cessionarios para a America do Sul: ALVIM & FREITAS,
RUA DO CARMO N. 11, SOB.—CAIXA 1.379—S. PAULO**

COUPON

Srs. Alvin & Freitas — Caixa 1379 — S. Paulo — Junto remetto-lhes 1 sello de 200 réis, afim de que me seja enviado pelo Correio o TRATAMENTO SCIENTIFICO PARA EMBELLEZAR O ROSTO.

NOME.....

RUA.....

CIDADE.....

ESTADO.....

«A Pilheria» — Recife.

par objectos de marfim: dissolva-se numa porção dagua quanto baste de pedra hume para tornal-a cor de leite. Faça-se ferver, tire-se do lume e deite-se dentro as peças;

deixe-se de molho durante 1 hora, escovando-se de quando brancas, ponham-se a seccar de vagar, envoltas em panno de linho ou em serragem de madeira, para se não fenderem.

MINHA PÁTRIA



JAYME
GRIZ

Minha pátria é grande! grande!
E tem mil ritos selvagens...
Minha pátria é grande! grande!
E são seus filhos audazes!...

... Minha pátria tem uma grande alma selvagem...

... E estou bem certo
Que no mundo inteiro
Não há outro à sua imagem...

Quer em bruteza...
Quer em beleza...
Ou subtileza...

... Minha pátria é tão grande que até parece um
Universo'

... Minha pátria é ~~mai~~ grande p'ra ser cantada
Ou auscultada
Na eloquência de um verso!

Minha pátria é grande! grande!
E tem mil ritos selvagens...
Minha pátria é grande! grande!
E são seus filhos audazes!...

... Minha pátria tem uma grande alma selvagem...

PRECE:

Oh! minha pátria de tez bronzeada!

Oh! pátria cubicada!

Oh! pátria abengoadá...

... Oh ...

Amo-te imensamente assim...

Com toda a impetuosidade e rudeza

Das tuas tiriricas...

Das tuas navalheiras...

E dos teus barbaros mandacarús!...

E com toda a delicadeza das tuas leydas...

Amo-te imensamente assim... assim...

Oh! pátria gigante!

Oh! pátria estuante

De vida, calor, força, beleza e heroismos...

... Oh ...

Amo-te assim... assim...

Com um amor tão profundo como os teus abyssos...

Com um amor cheio de estranhos paroxímos...

... Oh ...

MEU

BRAZIL!!!

A VOLUPIA DOLOROSA PELO INANIMADO

sava o artista de fital-a, alheio por inteiro ás coisas que o rodeavam.

Em quanto isto, Giuditta fatigada de esperar que o amante a chamasse, atirou ao cinzeiro a cigarrilha, levantou-se e caminhou para elle. Rodeou-lhe o pescoço com os seus braços macios, procurando, ávida, beijar-lhe a boca. Mas Giúlio repeliu-a; os seus olhos somente encergavam os seios brancos da estatua e no tablado escuro de suas pupilas o desejo rodopiava como uma bailarina sensual... E o modelo debatia-se em crises de desespero e de ciúme e o artista collava o corpo ao corpo da estatua, osculando-lhe os labios, acariciando-lhe as fórmas, numa anel dolorosa e inutil de animal-a.

Giuditta, attonita, ante aquella scena, sentia rugir-lhe no intimo uma ralva terrivel e que só a grande custo vingava dominar. Nessa noite, no seu quarto, espereou o modelo o amante. Muito tarde, porém, sentindo-o não vir, saltou do thalamo e descalça, rumou ao "atelier". Giúlio não estava lá; pela janella aberta ella avistou-no no jardim, dentro da noite enluarada e fria. E sobre o pedestal, ao centro do "atelier", a estatua ergula-se impudente, na sua serena imobilidade de pedra. Giuditta pôz-se a mirar-lhe os contornos, a que a luz da lâmpada doirava a braneura. Sentia odiar o marmore a que tambem emprestara a belleza maravilhosa do seu corpo. E tinha impetos de destrui-la, de quebral-a em pedacos meúdos, pois que ella, a estatua, roubara-lhe o homem adorado. Obcedada, dentro do seu odio e do seu ciúme, não percebeu o modelo alguem levantar o repositorio e entrar. Era Giúlio. Este ao ver a amante erguer o punho para a estatua, num resto de furia, tudo comprehendeu. Correu para ella e prendeu-a nos braços com palavras de commovimento piedade: — Não a desfras. Giuditta, eu já não a desejo. Ella é incapaz de satisfazer

o meu estupido sadismo; sua carne não vibra, seus labios não tremem, seus seios não palpitan... Na minha alcinciação de artista quis, apenas, dar-lhe a vida com o calor do meu sangue, foi porém, um sonho louco que passou. E' a ti que eu quero. Vem. Que o teu leito seja o meu Calvario e o teu corpo o Madeiro onde o Christo do meu desejo se esforça em convulsões de um goso immenso, sem fim.

E no silencio cantante do quarto illuminado, aquelle resto de noite, Giúlio foi para Giuditta um amante como nunca o fôra. Fel-a experimentar de todas as volupias, de todos os extases!... Foi respeitoso o termo, foi cynico e devasso, teve delicatesas de noitô e violencias de fauno! Mas, quando Giuditta, exausta, se deixára cahir adormecida e feliz sobre as almofadas, elle, Giúlio, ergueu um pequeno punhal que, ás occultas trouxera consigo e cravou-lh'o no seio, no mesmo seio eburneo que acabava de acariciar. Ouviu-se um gemido surdo e houve um longo estremecimento. Nada mais. Giuditta inspirara.

A claridade luminosa da manhã penetrou pelas venesianas da alcova, indo cahir sobre o leito, onde, mais branco do que a cambraia dos lençóis, todo nû, com uma grande mancha de sangue coagulado no peito, o modelo jazia sem vida. E lá fôra, na quietude do "atelier", o escultor, louco, procurava collocar numa cavidade que fizera no seio esquerdo da estatua, um pedaço de carne ensanguentada: — o coração de Giuditta. No alto, ainda accessa, a lâmpada projectava em todo o esnaco daquelle quadro trágico a sonoridade da gargalhada ironica, sinistra da sua luz mortica...

Ao clarão forte da lâmpada suspensa ao tecto do "atelier", Giúlio embevecido, tinha os olhos na estatua que cinzelava.

Era uma figura soberba de mulher núa, cabeça inclinada para trás, olhos no alto, membros elastecidos num espreguiçamento voluptuoso, com as mãos sustentando os seios como numa offerenda à volupia do homem. Ao seu lado, no tapete persa, despida e de pernas cruzadas, Giuditta, amante e modelo, mordia a ponta doirada de uma cigarrilha, toda imovel e silenciosa como um ídolo.

Giúlio descobrira-a num recanto da Hespanha e atraido pela sua singular belleza plastica, convidara-a a vir com elle para a sua patria. Alma de aventureira, mulher audaciosa, Giuditta partiu sem remorso e sem saudade, indiferente à magua e aos queixumes do coração de sua mãe. Tornou-a o escultor seu modelo e sua amante. E muitas vezes, quando o artista trabalhava, ella, Giuditta, cansada da imobilidade a que a condenava o seu papel, deixava o lugar onde o amante collocava-a e avançava, tentadora e lubrica, para enlaçalo nos braços.

Por longo espaço de tempo, os dols se quedavam assim abraçados, labios nos labios, carne contra carne, no delírio de uma febre amorosa que não sabiam dominar. Porém, à medida que a estatua crescia de fórmas, crescia igualmente no escultor ansia de concluir-a. Debalde Giuditta procurava arrancar-lhe o cinzel das mãos.

Em vão o modelo, tomando diante de si attitudes artísticas, requintadas, da maior sensualidade, despertava-lhe o desejo. O amante permanecia agora frio, insensível a ardencia daquella carne offerida de modo frenemente à sua volupia... Dir-se-lá que a estatua anestesiava-lhe os sentidos. Terminada a obra, não se can-



A PILHERIA

MARINHEIRO DE PRIMEIRA VIAGEM

O coronel Facundo dos Santos Lopes, de simples lavrador de canhas até bem poucos annos, era actualmente abastado senhor de engenho.

Enriquecera. Possuia terras, gado e um gordo... pé de meia em moedas sonantes.

Passava de foreiro em terras alheias, a dono de propriedades. Não era mais o seu Nouzinho do Riachão. Era hoje o coronel Facundo, homem de dinheiro, pae de tres vitalinas, cubicadas pelos caçadores de dotes e de um filho doutorando em medicina pela Universidade do Rio de Janeiro. E não era só coronel. Bancava, de facto, o coronel, com essa pro-

digalidade exhibicionista de matuto rico, prodigo, também, em dizer asneiras.

Para assistir a formatura do Juquinha, ou melhor do futuro doutor João dos Santos Lopes, resolveu ir á metrópole brasileira, não obstante a horror que as viagens marítimas lhe inspiravam.

O seu contentamento de pae envaedido era superior, no entanto, á sua ingenita thadassophalina.

A sua resolução foi decisiva. Velo á capital. Tomou passagem num dos vapores do Lloyd. Embarcou. Nos primeiros balanços do navio, já em pleno mar, o coronel Facundo começou a certificar-se de que não era infundada a sua ingenita aversão pelas viagens marítimas.

O enjoo não lhe provocava

vomitos propriamente. Apenas tonturas, náuseas, um indizível mal estar no estomago, pelo corpo todo...

Dots ou tres dias depois a sua indisposição permanecia inalterada. Tonto, enjoado, como se estivesse num estado de semi-embriaguez.

Approximando-se cambaleante de um grupo de moças e rapazes, que se divertiam no tombadilho, pergunta-lhe uma senhorita com uma desfarçada entonação de maliciosa perversidade:

—E' a primeiro vez que o coronel embarca?

—P'ra falá a verdade, dona, responde elle por entre ameaças de engulhos, a bocca cheia de cuspo, é a primeira vez que me amunto em vapor de mar.

FELIPPO PARAHYBA.

ALEGRIAS E TRISTEZAS

Em casa de uma amiguinha, resplandecia no melhor ponto da cidade...

Notava-se em todos os cantos, animadíssimo movimento. Os rapazes alegremente conversavam sobre assumtos quasi sempre sem a minima importância, mas como a mocidade por qualquer cousa se entusiasma, elles pareciam discutir sobre um assumpto maravilhoso.

As mimosas damas ricamente vestidas, faziam graciosos grupos, trabalhando com as suas hinguinhas, ora para falar sobre a moda e sobre o cinema, ora para commentar a vida alheia.

A orchestra havia chegado e as palmas pareciam ensurdecer todos, para saudar os musicos que iam alegrar ainda mais o ambiente. E os pares começaram a deslizar ao som de um fox-trot ou charleston.

Tudo era festa naquelle palacete...

No entanto, eu, só, compleava a felicidade passada, chorava um sonho que se desfez.

—E' sempre assim este mundo.

Uns alegres, cantam e dançam; outros choram, soluçam e gemem de dor.

Maria Rangel



Senhorinha Inaa da Fonseca Lima, gentilíssima irmã do ilustrador facultativo dr. Paulo Fonseca Lima, da Assistência Pública.

Na rua Direita, paradoxalmente torta. No Fasoli, o jazz assobiava, gritava tonitroante, numa machanal de sons.

Levantei-lhe o *necessaire* de ouro, que deixara cahir. Entregui-o. Fitei-a. Um *bisquit* de Sévres. Miniatura de Watteau. Ur arqueiro de vaga... espirrando de fumo de cigarro.

— Obrigadinhá — e sorriu, diabolicamente sorria.

— Talvez devêra eu, agradecer ao acaso, o capricho desse incidente.

— Julga ter sido o acaso?

— Quem sabe...

— E... por que?

— Não sei explicar-lhe.

Sorriu de novo, seductora, com aquelles labios sanguinientos de "baton".

— Adeusinho...

— Teria o prazer de pronunciar-lhe o nome?...

— Cléo... Cléo Almeida.

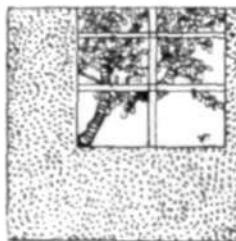
... e acompanhá...

E...

Entretecemos um romance, estylisámos uma chiméra, estheticamos um sonho. Um sonho real. Entrevisas. Ao bruxoleio de um poste, marcialmente ereto. A convalescência bucolica do luar. Foi assim. Lyrismo.

— Quero apresentar-te a pat.

Fui. Um velho pacato, como



todo burguez que se preza. Oculos. Lia um jornal. Emergia de uma preguiçosa. Sorriu. Um sorriso de quem antevê um *avis-rara*. Uma probabilidade em perspectiva. Depois a mamãe. Como todas as mamãs. E...

Passeámos. Juntos fomos ao *Santa Helena*, ao *Trianon*, ao châ do *Mappin*. Ao châ, por elegancia. E' chic. A imbecilidade humana tem dessas.

Um dia, o velho zangou. Soube que eu literateava. Em birrou. Candura de veltice.

— Um escrivinhador!

Os oculos fuzilaram. Tosiu. Apopletico. Exgottou um repertorio não muito Hsongefro. Exultei. Tornava-me, para todos os effeitos, uma improbabilidade.

Emfim!

Aquillo ia-se tornando insípido. Duma insipidez...

Silveira Peixoto.



O casal dr. João Gonçalves, com pessoas de sua exma. familia, ao sol do verão de Boa Viagem,

A PILHÉRIA

CUMPRIMENTOS.

Ainda recebemos cumprimentos de Bbás-Festas e Anjo-Novo: da Comp. Agro Fabril Mercantil, do sr. Pedro Nunes, consul do Uruguai, do sr. Lafayette M-Airos & Vareda.

NOIVADOS.

Vem de contratar casamento com a senhorinha Celeste Baptista, filha do sr. Americo Baptista, negociante nesta praça, o sr. João Bruno da Matta, competente eletró-operador da Pernambuco Tramways.

Tive na quarta-feira a passagem da sua data natalícia o estimável sr. Julio Bezerro Cavalcanti, adeantado uzineiro na zona sul, deste Estado.

Amaury, travesso filhinho do ilustre sr. dr. Ama-

ro Pedroza, sub-procurador dos Feitos da Fazenda do Estado, e advogado nesta capital, teve mais um natal na quarta-feira.

Realizou-se na terça-feira o enlace matrimonial da gentilissima senhorita Alzira Rodrigues com o sr. dr. Luis Ramos Leal.

O acto civil realizou-se às 15 horas na residencia do cunhado da nubente dr. Ubaldo de Oliveira e o religioso às 15 1/2 horas, na matriz da Bba-Vista, officiado pelo conego Jeronymo d'Assumpção.

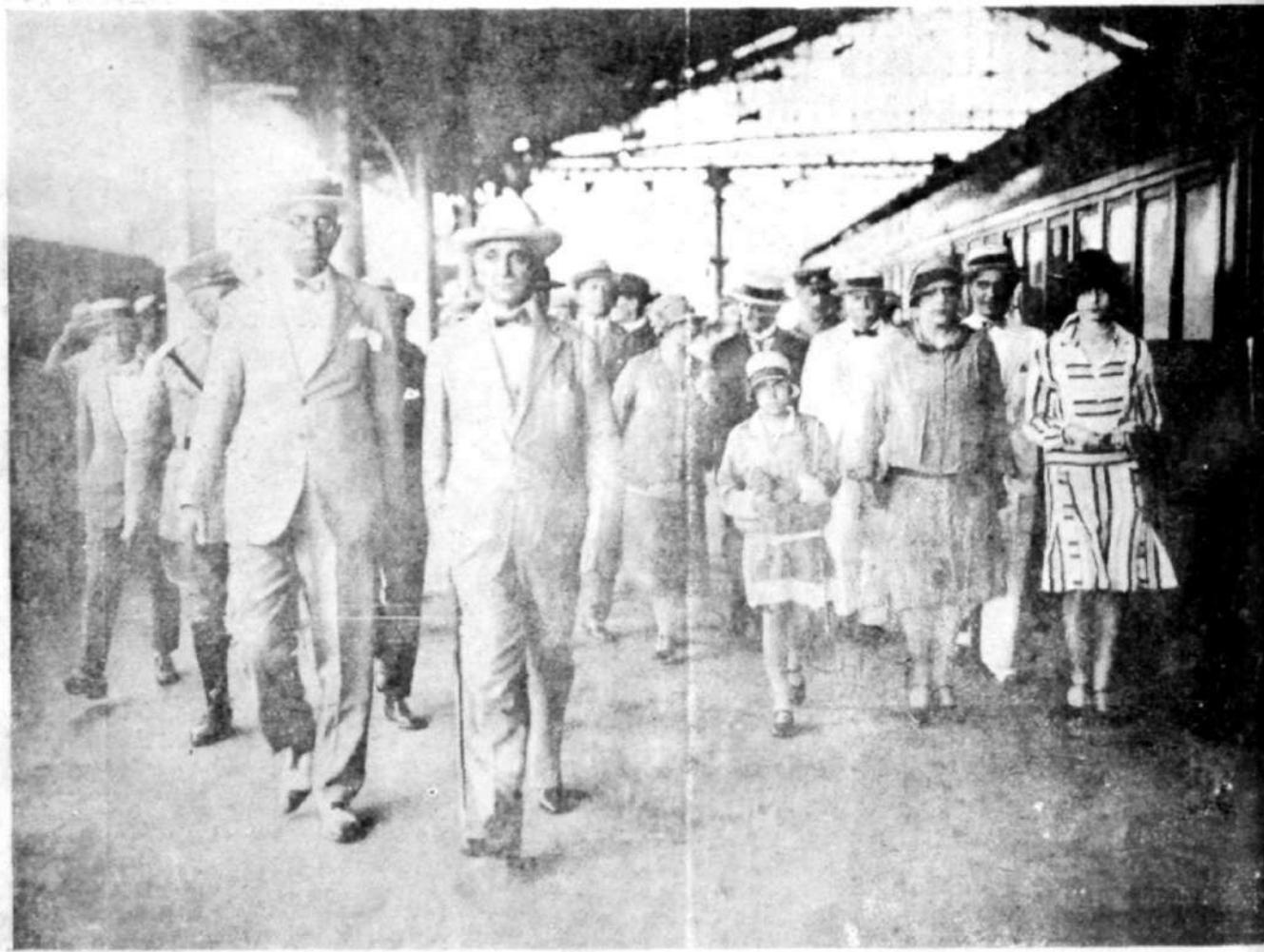
A bordo do Arlanza regressou na quarta-feira para o Rio de Janeiro onde exerce a sua clinica e milita na

imprensa o illustre facultativo dr. Geraldo de Andrade, nosso conterraneo.

Amitgos e admiradores de jovem clinico e apreciadíssimo compositor conterraneo dr. Waldemar de Oliveira, autor da partitura da Berenice, promovem-lhe, dentro de alguns dias, carinhosa manifestação por motivo do seu regresso da Bahia onde em festival foi muito aplaudido pela imprensa e pela sociedade local.

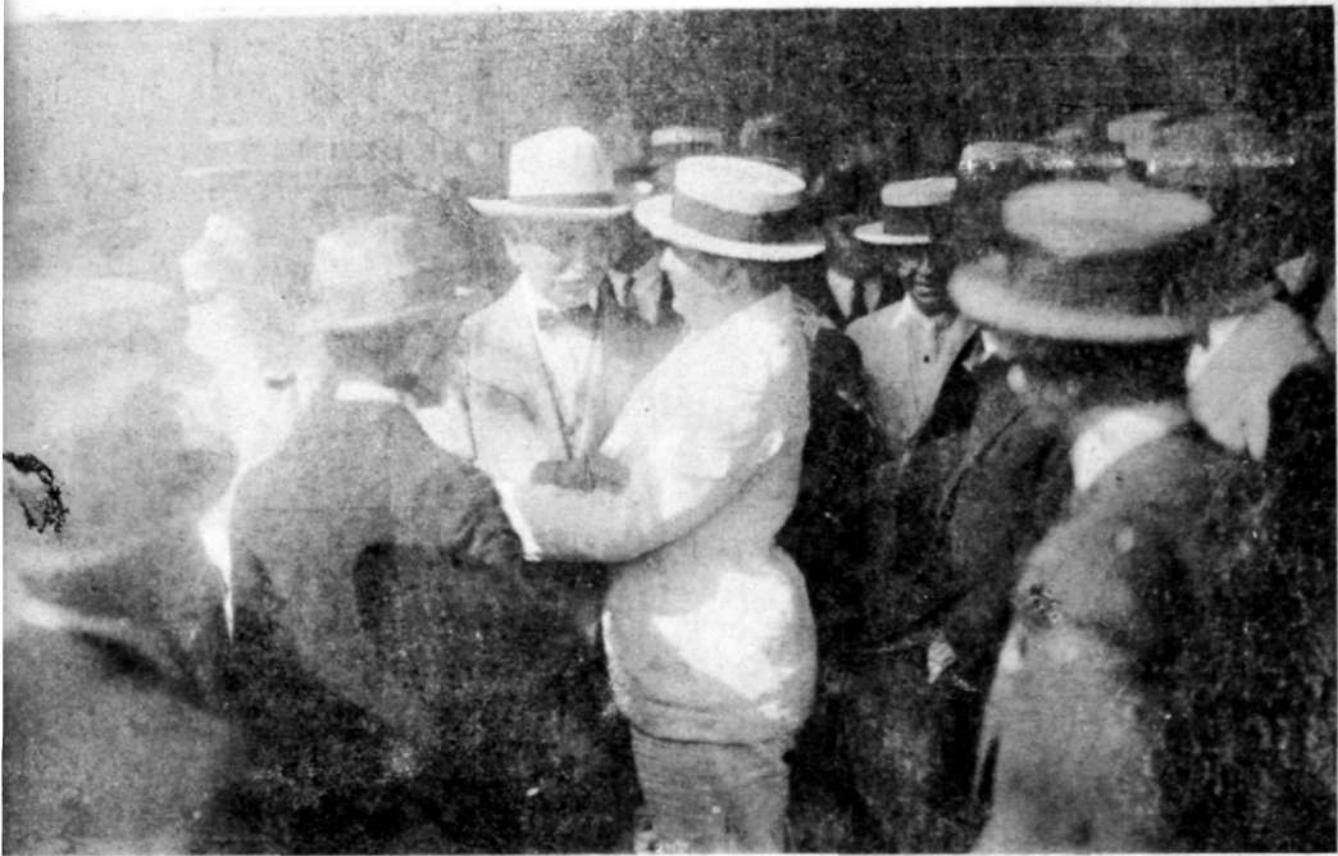
Na Joalheria Krause encontra-se a lista de adesões.

Do estimável sr. Eugenio Nascimento, proprietário da acreditada Livraria Universal, recebemos como deliciosa lembrança um chromo e bloco comercial para o anno de 1927. Gratos.



O sr. dr. Estacio Coimbra, chegando a gare das Cincos Pontas, para tomar o comboio que o tinha de conduzir á Barreiros.

Vê-se ao lado de s. exc. o sr. Antonio Gonçalves Ferreira, director das Docas.



O sr. dr. Estacio Coimbra despedindo-se do sr. dr. Joaquim Bandeira, secretario da Fazenda.



ALFANDEGA DE NATAL

Li, há dias, um edital chamando concorrentes para a construção da Alfandega de Natal.

Ha, ali, um pardieiro velho e acachapado, onde funciona a aduana papa-gerim. Predio respeitavelmente antigo e digno de ser queimado, como antigamente era costume nestas plagas...

Lendo o dito edital, lembrei-me de uma historia que me contaram. Historia que rezava o seguinte:

Há cousa de trinta annos mais ou menos, quando a Alfandega não estava installada no velho pardieiro actual, chegou a Natal um caixeiro vijante de uma firma aqui de Recife.

Imaginem o que seria a cidade fundada por Jeronymo

que Albuquerque, há mais de dez annos atrás. Iluminada a kerosene. Ruas esburacadas e cheias de mata-pasto e capim pé-de-galinha. A' noite um verdadeiro cemiterio de... vives.

O viajante saiu a passear uma tarde, ao sujar dos pinheiros e às voltas tantas sentiu uma dorzinha aguda e indicadora de uma situação difícil.

Olhou para os logares onde podia divisar uns W C symbolicos, e nada!

Cervia serenamente o rio Pctengy lendario. Aqui e ali, toceiras de mangue. Adeante uma latada de germezeiros de largas folhas verdes e bem recortadas.

Aquillo foi uma cousa mesmo mandada. E aproveitando

a solidão reinante o pobre viajante procurou pensar melhor na vida, quando sentiu uma pesada mão a premir-lhe um dos ombros, ao passo que um vozeirão lhe dizia:

— Esteja preso!

Ele voltou-se. Era um soldado de polícia, grande, do tamanho de um bando.

O desgraçado desculpou-se. Circunstancias imprevistas etc.

— Num há disculpa. O senhor commeteu uma infração...

— Eu? Mas isso aqui é um lugar deserto, não há ninguém!!!

— Entao o srphê num tá vendo qd isto aqui é a alfandega de Natal?

Reflexões

Por occasião das inimizades é que os homens mais profundamente se revelam.

Os maiores infelizes são aqueles que escapam de ser grandes sempre por um tris.

E' periodica a necessidade da reeducação cívica dos homens.

Mais fácil é descer de segundo a terceiro do que subir de segundo a primeiro.

Nada mais funesto que educar os moços na suposição de que sempre vencem na vida a virtude e a honra.

Ha na sociedade um grupo de homens a quem se dão todas as qualidades e se negam todos os favores.

Grande parte de sua vida esteriliza o homem no esforço ingrato de fazer mal aos outros homens.

Mais numerosas do que as portas que abrem para a felicidade, são as que abrem para a desventura.

Não ha raciocínio possível quando são os homens os argumentos.

O isolamento e a solidão reduzem o homem aos elementos intrínsecos de sua personalidade.

Muitas nullidades ha enfeudadas em importância de segunda mão.

E' rápida a transformação das qualidades em defeitos quando se passa de amigo a inimigo.

O comentário muitas vezes despe o facto da clareza intuitiva de sua cunhacão.

Coisa difícil é discernir na conversa de certos indivíduos onde finda a verdade e começa a mentira.

Tanto quanto do corpo se deve cuidar no espírito para a velhice.

Livros de literatura incomoda são estes que a cada página forçam consultas ao dicionário.

Na residencia

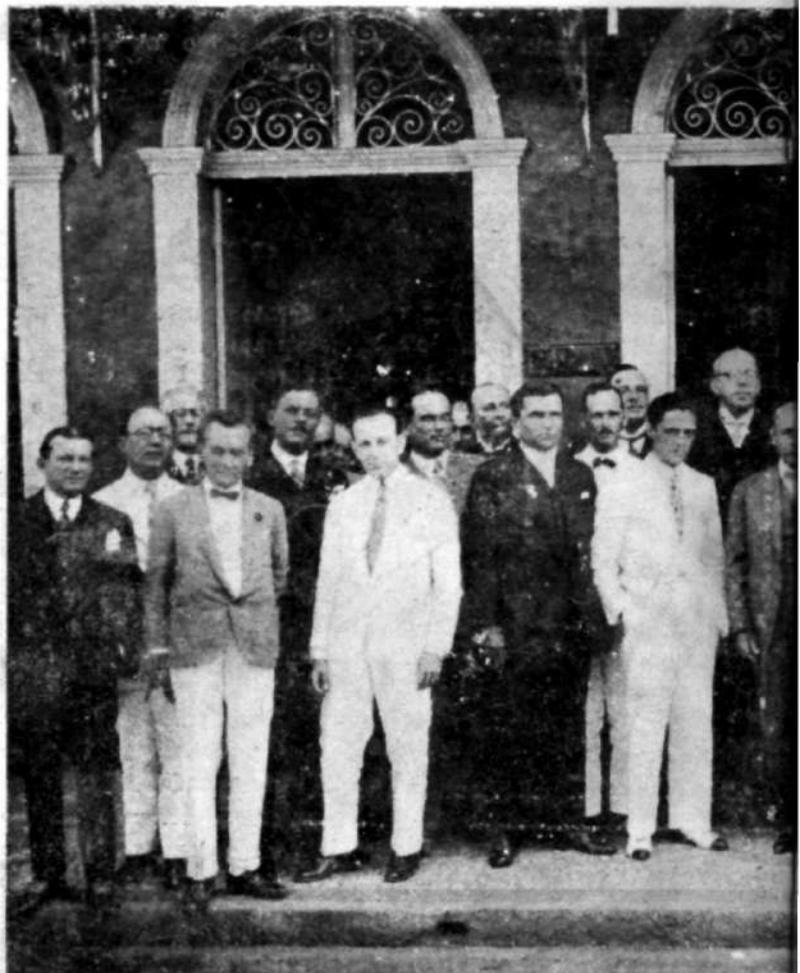
dos srs.

Diogo Cabral

e

Eduardo

Dubeux



Photographia apanhada depois do a por motivo da escolha de s. exc. pa-

No dia do
anniversario
de FILO'
filhinha
d'aquelle ca-
valheiro.



recido ao illustre deputado Souto Filho,
da Camara Estadual.

E' imposição da dignidade
que ninguem ceda á dictadura
do berro nem á tyrannia
da algazarra.

O exhibicionismo aggressivo é um dos caracteristicos dos individuos que, não tendo sido nada, são guindados de improviso a uma alta posição. Formam esses individuos a classe contemporanea dos *nouveau-riches* na administração e na política.

A consciencia é como o vidro: precisa de estar limpa para se poderem ver através della — a luz e a verdade.

A alma é uma vibração psychica.

Há individuos tranquilamente integrados na maldade de sua consciencia.

Lagrimas sem consolo são as que se choraram sobre a consciencia envergonhada da propria ignominia.

Esmeraldo Bandeira



Trovas

Quando chegar minha vez
E eu desta vida me fôr,
Dá-me um beijo, que eu talvez
Ressuscite meu amôr.

Quem anda por este mundo,
Da vida no vae e vem,
Si ás vezes tem alegrias,
A's vezes tristezas tem.

Agora, que estás distante,
Eu creio neste rifão
Que diz que longe dos filhos
E perto do coração.

Eu não sei bem a razão
E nem posso comprehendêr,
Como é que eu sendo tão triste,
Alegre fico ao te ver!

Vivo triste... Vives triste...
Que mais queres? Afinal
Sí soffres de mal de amôr
Eu soffro do mesmo mal.

És o meu sonho feliz,
Meu sonho de trovador:
Uma casinha; eu e tu;
Nossos filhos; nosso amôr...

Eugenio Coimbra Junior,

SCENA — FITAS — SONS E PALHETAS



SCENAS

Companhia Nacional de Operetas — Está de volta a Pernambuco, para abafar as saudades da tanta gente, a Companhia Nacional de Operetas Vicente Celestino-Ary Noronha, único elenco brasileiro, em seu gênero, que tem a coragem de atravessar o nosso grande país de sul a norte, fa-

deixará em fins de Julho do ano passado depois de uma temporada de dois meses seguidos, com uma casa cheia, às vezes com estrondosas encheres e as palmas mais prolongadas do público.

E' o caso de darmos parabéns à platéia recifense; a sua querida companhia de operetas está de volta prometendo fazer outra temporada desse

todas as praças do sul até às fronteiras.

O elenco, excepto Adriana Noronha, Maria Amélia e Gina Gomes é o mesmo do ano passado, com o acréscimo da brilhante cantora Lais Areda, uma das estrelas mais sympathizadas de nosso público e o nosso corterraneo J. Vanéco, que no lugar de pôr substituiu Ibydio Amorim.



VICENTE CELESTINO

Primeiro tenor brasileiro de operetas que dá o nome à companheira mais uma vez em visita a Pernambuco.



LAIS AREDA

Formosa mulher. Artista de valor. Cantora das mais festejadas e queridas de nossa platéia.

zendo uma bella propaganda das possibilidades do theatre nacional, quer apresentando-nos as mais celebres peças de autores estrangeiros, quer representando trabalhos de valia de escolhidas pennas e partituras brasileiras.

Agora mesmo, vem a Companhia Vicente Celestino de extremo norte, desde Manaus, fazendo as brincas mais importantes e recebendo verdadeiras consagrações das platéias perante as quais se tem exhibido.

Está novamente, no Theatre do Parque, em Recife, que

vez curta pela necessidade de que tem de demandar breve Maceió, Bahia, Victoria, Rio e



CARMEN DÓRA é a sympathia personificada. Canta e representa para o agrado de todos. Tem verdadeiros admiradores em Recife, como em toda parte.



Vicente Celestino, o nosso primeiro tenor de operetas; Carmen Dóra, a gentil figura de artista dona de nossa platéia; Martins Veiga, o ensaiador e artista conscientioso; Eugenio Noronha, o correcto gala-comico; Alvaro Diniz, o impagável baixo-comico; Elvira de Jesus, a dama característica de linha; Eduardo Arouca, João Celestino, Branca Costa, Augusta de Barros, Silvana Gomes, todos aqui estão de novo neste Recife que é nosso como é da companhia que mais uma vez nos visita.

Celestino Silva o applaudido



Uma interessante reunião na residência do industrial sr. Raul Bandeira.

escriptor, continua como secretário, estando a batuta da orquestra entregue à competência do maestro Escuruhiela, que esteve ultimamente à frente da companhia Guirô e veio substituindo Verdi de Carvalho.

Ha peças novas: *Dóes de côco*, libreto de Celestino Silva e música de Verdi de Carvalho; *Dansa das libellulas*, de Franz Lehar, com rigorosa montagem; *O professor Terencio*, de Celestino Silva e Verdi de Carvalho e *A rosa pernambucana*, escripta especialmente para a companhia pelo nosso confrade Samuel Campello e musicada pelo dr. Waldemar de Oliveira.

De repertório já conhecido serão repetidas as mais amadas: *Mazurki Azul*, *Princesa dos Dollars*, *Casta Suzana*, *Eva*, *Duqueza do Bal Tabarin*, *O conde de Luxembur-*

go, *Sonho de valsa das estrangeiras*; e *Mano de Minas*, *A paditiva*, *A Jurity*, *Cebola Bonita*, das nacionaes, bem como *Aves de Arribação*, a opereta pernambucana de Samuel Campello e Waldemar de Oliveira e que, suspenso da última temporada, fez as praças do norte com um retumbante sucesso que, através de teleogrammas e notícias de jornais, chegou até nós.

Attendendo ás sympathias de que gosa, em Recife, a Companhia Nacional de Operetas resolvemos abrir um concurso, em nossas columnas, para sabermos qual a actriz mais sympathizada, o actor mais apreciado e a melhor peça do repertorio do referido elenco, devendo os votos se achar em nosso escriptorio até ás 16 horas de cada quarta-feira quando serão feitas as apurações.

Os coupons para este concurso estão nas últimas páginas de nosso semanário.

CONCURSO DA COMPANHIA VICENTE CELESTINO

A actriz mais sympathizada

.....

O actor mais apreciado

.....

A melhor peça do repertorio

.....

A PILHERIA

SCENAS DE LA'.

—A actriz cantora Adriana Noronha, que tantos admiradores deixou em Recife, depois que se desligou aquela Companhia Vicente Celestino, só agora voltou à cena; estando contractada no Theatro-Recreio, do Rio.

—Na Capital do Paiz foi ha pouco fundada uma companhia de theatro ligeiro com o lindo nome de **Tangará**. Tangará tem na ornithologia brasileira, quicá de todo o universo, um papel de relevo: é o unico passaro que dança. Quando se reune em bandos, o tangará dansa bailados interessantes. Agora Tangará tem em theatro tambem a incumbencia de dançar e cantar.

A sua frente, como estrela, está Alda Garrido. E nada mais precisamos dizer.



OLEGARIO MARIANNO

ESCOLA NORMAL "PINTO JUNIOR".

PROFESSORANDAS DE 1926

XVII

Dulce Santa Rosa.

Hoje traço o perfil sympathico de Dulce, que arrebata os corações pela sua terna sympathia.

Morena, de olhos negros vivos e sorridentes, cabellos escuros, revoltos, que encantam e atraem por sua beleza.

Alma encantadora de criança num tipo gracioso de uma jovem plena de lindas phantasias. Cultiva com toda a intelligencia e gosto a arte de "Chopin"; vêm dia diariamente deliciar os nossos ouvidos com as lindas lentas valses; finalizando sempre com os irrequeitos fox-trots que tanto nos alegram, e tocam a alma trazendo-nos muitas vezes um mundo de recordações. Por seu genic expansivo é procurada pela multidão das coleguinhas para as jovaes palestras que tanto nos alegram e satisfaz.

Grande apreciadora da sua missão desenvolve-la com toda a efficiencia da sua alma de jovem.

Quem não conhece e não aplaude Alda Garrido, como a mais brasileira de nossas actrizes?

Pura ensaiador de **Tangará** lemos que foi contractado o actor Pinto de Moraes, que o Recife tanto conhece e aprecia.

Pinto de Moraes ultimamente fizera-se fabricante de drogas e inventara o **Asmaphyl**, para a cura da asthma, tendo abandonado o theatro. Voltou a elle, agora, onde poderá applicar as duas carreiras com muito proveito. Porque o nosso theatro está mesmo uma droga.

—O pequeno artista brasileiro de 6 annos Edison, com seu pequeno grupo de creanças, está trabalhando no Rio e conquistando a mesma admiração que tem conquistado perante todas as outras infantas.

SONS.

Maria de Nazareth — Tem illa o suave nome da padroeira de sua terra e parece ser abençoada, pela santa de seu nome, todas as vezes que se senta ao piano para fazê-lo estremecer sob os seus dedos de fada. Maria de Nazareth tem 14 annos apenas e já é uma grande pianista. Deu audição à imprensa, ha varios dias, e interpreta com alma e technica os clasicos que compunham o seu programma.

Realizará no proximo dia 13, no salão do Diario de Pernambuco, uma audição publica e desde já ha procura de ingressos para sua festa.

E' que vale a pena ouvir a pequena e grande pianista paraense.



Está eleito para a Academia Brasileira de Letras, Olegario Mariano. Olegario é um poeta nacional, mas sobretudo um poeta nosso porque Olegario é pernambucano. A sua victoria encheu de orgulho a sua terra e a todos nós que o queremos e admiramos.

Daqui mandamos-lhe o nosso abraço.

XVIII

Stella Uchôa de Lyra.

E' a "estrela" calma que irradia uma luz branda e suave, fazendo invadir nossa alma por uma scentilha dessa luz vivificante e morna.

Alma rutilante, cheia de encanto encontram-a a despedir os fulgores do seu coração bem formado. Extremamente modesta, procura delicadamente occultar-se à legião irrequieta das collegas que vivem idealizando lindos castellos para a nossa collação.

Entretanto é muito estimada por todas as collegas. Apreciadora do magisterio, prova-o pela dedicação aos livros e no ensino das creanças.

No seu olhar simples e carinhoso ella mostra toda a candidez da sua alma previdenciada.

E nestes dias que nos restam para a separação, sinto em meu coração uma saudade amarga desta collega que tanta bondade nos demonstrou.

Na vida fuiura Stella será a felicidade de um lar onde ella distribuirá a virtude que lhe é peculiar.

Therezinha.

TELAS E PALCOS

THEATRO MODERNO

Bóas enchentes apanhou este elegante cinema na semana que hoje finda.

Para hoje e amanhã anuncia o Moderno o magnífico film *A Epidemia do Jazz*, da Paramount, o qual alcançará de certo, franco sucesso.

Na terça-feira entrará no cartaz *O Bello Brumel*, a história romanesca do famoso e formoso *dandy* inglez o qual terá como principaes interpretes John Barrymore, Irene Rich e Mary Astor.

ROYAL

Rin-Tun-Tin, o celebre cão policial, na super-produção da "Warner Bros" *Onde o Norte começa* figurará hoje e amanhã na programação deste cinema. É um film em 6 partes que empolgam e impressionam profundamente o espectador.

HELVETICA

A linda garota, engraçada revuette em 1 acto será levada a cena pelo Conjuncto Regional, em sucesso nesta ca-



Na tela um interessante film.



Irene Rick, a formosa actriz que trabalhará no *O Bello Brumel*.



sa de diversões. Nella tem trabalho de destaque o actor Modesto de Souza.



SOCIEDADE



Senhorita
Maria José
Uglette

CINEMA GLORIA

Será focada hoje neste cinema a 8.ª serie do *Homem de Aço*, por Luciano Albertini, film que tem agrado geralmente nos cinemas onde foram exhibidos.

FESTIVAL REIS E SILVA

Realisou-se, terça-feira à noite, no S. Izabel, o concerto organizado e levado a effeito pelo apreciado tenor Reis e Silva, para a aquisição de uma casa, que será oferecida aos filhos do saudoso medico pernambucano dr. Armando Gayoso.

O programma, optimamente organizado como estava foi talvez o motivo para a casa bem regular que o S. Izabel apanhou e para os aplausos que recebeu Reis e Silva.

Foi muito applaudida também a sentimental valsa — *Único amor*, musica de Alfredo Medeiros, que a executou ao violão e letra de Armando Gayoso, cantada pelo tenor Reis e Silva.



LITERATURA DE 1830



As audições de trabalhos literários, hoje em dia, são realmente agradáveis. Geralmente distribuem-se convites e à mesma comparecem gentis senhorinhas de intelligencia á la garçonne, quer dizer: do tamanho dos cabellos. Acompanhando-as, fazem acto de presença uns mocinhos de bombachas e palitosinhos sistema colete, chamados de literatos e poetas pelas gazetas e que escrevem errado dizendo ser futurismo. Ha um bocado de musica, o autor recita os seus poemas, uma senhorita declama uns versos em francêz (Verlaine, Musset, etc.) e depois ha um chá com massas finas.

Eis em resumo as audições elegantes. Os ouvintes não têm tempo de achar as pepineiras inteiramente desagradáveis, entremeadas de trechos de musica e adoçadas com anecdotas e potins do dia. Podiam mesmo ser irradiadas pelo alto-falante, entre as cotações do assucar e os telegrammas sobre a anistia.

No meu tempo (figurem-me um sujeito respeitavelmente venerando) ha diversos annos atraç, já a coisa era muito antigos ainda a pintavam diferente. Entretanto os mais mais lugubre. A reunião dos literatos era uma cousa horrivel. Peor que uma reunião maçonica ou de anarchistas. Os poetas, cabelludos e de gestos relodramaticos, recitavam poesias kilometricas, arrancando estrelas do infinito, mergulhando nos pâlagos profundos, altos como os condores beijando as nuvens e fizando os pinheiros dos Hymalaias e dos Andes, tudo isso em estrofes retumbantes copiadas a Castro Alves e Casimiro de Abreu, o que, ainda hoje, é imitado por certos futuristas discípulos de Marinetti, que apitam como trens, ladram como cães e buzinam como automoveis, quando recitam seus desparafusados versos.

Um meu eminente amigo, poeta mélancolico e miloito-centosetrintista, contou-me certa vez a historia tragicá de uma audição ocorrida lá pe-

lo anno de 1885. Pelo tempo já se vê que tem bolor. Mas vale a pena saber. Tratava-se de uma senhora, professora publica e literata proeminente na minha terra. Celebre na sua época, tendo recitado poesias hellenicas para D. Pedro II ouvi-las, gozava de uma fama igual a de muitos académicos medalhões que nada sabem. Hoje está velha, alquebrada e encanecida, vivendo mais das reminiscencias glorioas de sua juventude feliz.

Entre parenthesis deve confessar uma cousa. O Rio Grande do Norte goza a fama de ser um ninho de poetas. Os bardos surgem alli como por efeito prodigioso de mimetismo de pelotiqueiros. Lá os versos como são feitas, isso é cousa que não convém relatar. O que é verdade é que poetas ha em ruma. Por occasião do Centenario o poeta Ezequiel Wanderley, meu amigo, depois de uma selecção refinadissima, publicou um livro contendo uma produção de cada um dos vates potyguares. Saiu um volume pançudo e cheio de barbaridades, entre as quais figura uma da autoria do escrevinhador destas linhas. Mas não é sem razão que dizem:

Rio Grande do Norte,
capital: Natal...
Em cada esquina um poeta
e em cada rua um jornal...

Fechado o parenthesis informarei que a illustrada professora minha coestadana escreveu um drama de capa e

espada, em cinco ou seis tremendos actos. Depois de terminado o seu laborioso e fecundo trabalho, anunciou a sua leitura perante o mais selecto auditorio possível. E foi com uma assistencia entre a qual estavam o representante do presidente da província, quatro dezembargadores, tres medicos (precaução muito acertada!) officiaes, comerciantes e demais pessoas grandes, como dizem os noticiarias, que a applaudida autora deu inicio á leitura de sua magistral concepção, cujo exito infallivel e antecipadamente reconhecido a levaria aos epnícios da glória e da consagração.

Eram mais ou menos sete horas da noite. O assumpto do drama dispensa commentarios. Amores ocultos, colloquios em phrases de fazer verter lagrimas ás pedras, duellos, tiros de bacamarte, maldicção paterna — tudo isso precedido de um prologo e com o indeffectivel epilogo.

Por um dever de cortezia e insignie attenção para com a illustre autora e dona da casa, os ouvintes aguentaram stoicamente o martyrio até 10 horas da noite. Depois desse longo prazo alguns menos entendedores do assumpto começaram a cochilar, sendo que outros de educação inferior ronjavam muito alto, denotando grandissima estupidez.

Não precisa ir muito longe para relatar as peripecias dessa audição. Seria enfádar os leitores com um suplicio igual. Apenas direi que um dos medicos presente, conhecido esculapio já falecido, foi accor dado á uma hora da manhã quando a literata exclamava:

— Fim do prologo!

O galeno esfregou as palpebras somolentas e inqueriu da insigne escriptora:

— Tenha a bondade de me informar: o drama é um em cinco actos?

— Perfectamente, respondeu a interpellada soridente.

— Pois então vamos deixar o resto para hoje, mais tarde, á mesma hora de hontem. E deu o fóra.

PEDRO LOPES JUNIOR

OS REIS MAGOS

Eu sempre tive uma grande sympathia por esses tres reis magos, sabios adivinhos que do mysterioso Oriente vieram, guiados por uma estrela de grande coma luminosa, adorar o Rei dos Reis, o Deus-menino, o Prometido Messias, que elles sabiam ter nascido em terras da Judea.

Recordo-me ainda, da velhinha Yaya Carlota, muito devota da Penha e amiga de minha saudosa mãe, que, pela primeira vez, me contou a maravilhosa historia dos tres Reizes, como ella dizia, estropiando o plural da palavra na sua santa ignorancia de matuta de Pão d'Alho.

Era, porém, intelligente e sabia contar uma historia de Trancoso ou de Pedro Malazarte, dando á narrativa um cunho tão pittoresco e interessante que prendia os seus pequenos ouvintes á sua palavra, e os deixava emocionados e cheios de encantamento quando terminava a

parlenda com o conhecido estribilho: "Entrou por uma porta e saiu pela outra, manda. Elrei meu senhor".

Bons tempos! Saudosos tempos...

A historia dos Reis Magos me causou uma profunda e duradoura impressão.

Talvez por pensar sempre nella cheguei, uma noite, a sonhar... (sonho sacrificado) que era eu o Menino Deus, e que recebia a deslumbradora visita dos soberanos da Arabia prestando-lhe suas homenagens.

Apesar de pequenino eu os reconhecia mu^{lt}o bem, tal qual os vira, uma vez, em um presepe, de mantos reais bordados a ouro, corolas resplandentes na cabeça, e sem esquecer os camelos de longos pescoços e grandes corundas da caravana real.

Quando despertei do sonho maravilhoso estava deitado, não no presepe de Belém, mas na minha pobre caminha de criança, mais ri-

ca, talvez, do que a magestadeira historica, porém infinitamente mais pobre de graças.

E pela vida em fóra fui continuado a sonhar assim, recebendo a offerenda de ouro, incenso e myrrha que moderosos monarcas vêm trazer.

E sinto que, ao despertar, o sonho symbolico se corporifica: sinto revestidas de ouro puro as minhas intenções; num perfume de incenso se evola aos céos a minha prece, e minha alma toda se embalsama de myrrha no recolhimento e na meditação.

Doce e formosa legenda dos Reis Magos, poetizada sempre na minha imaginação, desde os despreocupados dias da infancia distante, aos atanossos instantes do presente, eu te bendigo!

6 — 1 — 1927.

MAURICIO MAIA.

* *

* *

* *

Foi recebido com geraes sympathias o acto recente do sr. prefeito da capital mandando retirar das ruas centraes da cidade esta praga de vendedores ambulantes que enchia as nossas calçadas e dando um attestado flagrante da nossa falta de adean-

tamento.

Era de verdade um flagrante triste do Recife.

Vendendo caljeidas, fitas, rendas, etc., estes individuos se postavam nos flos de calçadas perturbando o transito e pregando em altas vozes o seu commerce, um sota-

que que irriava o mais calmo dos mortaes quando não ia a sua diligencia de comerciante ao ponto de pegar o transeunte pela aba do patito.

O sr. prefeito está, pois, de parabens pela sua providencia.

Bons Annos

Vem ahi vinte e sete prazenteiro cumprindo alegremente seu fadario, enquanto vinte e seis — o salafrario — esteriora o suspiro derradeiro...

Foge Dezembro triste e funerario e abre os braços a rir feliz Janeiro. Que é que nos traz? O celebre Cruzeiro? O falado regime monetario?

Mas o anno que se vai sempre é maldito, porque nós temos o habito esquesito de apedrejar o misero que cae...

Entretanto é forçoso confessar, assistindo ao seu lugubre findar. — E' mais uma esperança que se vai...

Dôr secreta

Diz muita gente que eu sou venturoso, Que eu levo a vida sem pensar em nada. Porque a todo momento vivo a rir... Prazer enganador! Falsario goso O que sinto! Eu sou muito mentiroso Porque esconde atravez dessa risada Um mal tão facil de se descobrir!

Bem melhor há de ser que eu guarde, entanto, Sempre occulto em meu peito todo o pranto.

O mal que existe em mim; Que a minha dôr jamais diga a ninguem. E vá guardando tudo muito bem, A soffrer, a soffrir, mas, sempre mundo E rindo sempre de maneira assim,

Que si eu fallasse, si eu dissesses tudo, Havia todos de mangar de mundo!

O Panken

53



SAPATOS TRESSE
EM ESTYLO

TCHECO - SLOVACO

Alta moda para
o verão

→
Recebeu para

J a grande venda deste mez

a Casa Excelsior

Livramento 53

Phone 2568

CARNAVAL!

Animadissimo, promette ser o carnaval de 1927.

Para isso, já se estão pondo em movimento, os clubes, blocos e trocas desta Maurícia.

A semana passada foi bastante desanimada, isto talvez porque o povo se achava absorto nas festas de fim do ano.

O mesmo não aconteceu com a que hoje finda, pois o sympathisado clube "Vassourinhas" quebrou a monotonia reinante, dando uma bellissima festa em sua sede, à rua de Hortas.

TOUREIROS

Por estes dias os apreciados "Toureiros" sahirão à rua, dando, assim, mais um ensaio, que promette ser animadissimo.

Anima, rapazeada dos Toureiros! O carnaval vem ahi!

VASSOURINHAS

Distincta e sobremodo significativa, foi a festinha realizada, quinta-feira passada, na sede do "Clube Vassourinhas", à rua de Hortas, comemorando mais um aniversario de sua fundação.

Após a sessão solenne, seguiram-se animadissimas danças, ao som de uma excellente orchestra, as quais se prolongaram até pela madrugada do dia seguinte.

CLUBE DAS PÁS

Será na proxima semana, o terceiro ensaio do "Clube das Pás".

Animam-se os preparativos para esse ensaio das Donzelinhas da Boa-Vista.

Aguardemos...

BLOCO BOBOS EM FOLIA

Esse Bloco em sessão de assembleia geral, resolveram o seguinte:

a) — A exhibição do Bloco no proximo carnaval.

b) — Realizar o seu 1.º ensaio no domingo, 9 do corrente, em sua sede social, pelas 16 horas.

c) — Convidar a todos os seus socios e musicos e bem assim as suas exmas. famílias para assistirem o referido ensaio.

d) — Contractar 60 figu-

ras para constituir a sua orchestra.

BATUTAS DA BOA-VISTA

Esse bloco carnavalesco, composto de rapazes do bairro da Boa-Vista, promette ser o campeão do carnaval de 1927.

Assim é que varios ensaios já foram realizados, sobressaindo dentre elles o da semana passada, que ultrapassou à expectativa.

CARNAVAL

Circulou, domingo ultimo, o espírituoso orgão carnavalesco — "Carnaval", de pro-

priedade de Pierrot & Colombina.

Está excellente esse numero.

OS PREMIOS D'À PILHERIA

A conhecida casa desta praça — Companhia Commercial e Marítima — instituiu, por intermedio desta revista, uma rica taça ao automovel que melhor ornamento se apresentar no corso do carnaval de 1927, devendo os concorrentes se apresentarem com os afamados pneumáticos da marca Goodrick, de que é representante na praça commercial de Recife, aquella importan-

tissima empreza.

A PILHERIA resouven abrindo um concurso carnavalesco afim de saber entre os seus leitores qual é o bloco mais sympathisado e o clube que conta maior numero de admiradores.

Já recebemos, até quarta-feira ultima, a seguinte votação:

Qual o bloco carnavalesco mais sympathisado do Recife?

Bainhas da Boa-Vista. 6

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

Vassourinhas.	120
Toureiros.	15
Pás.	19

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o bloco carnavalesco mais sympathisado do Recife?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

Qual o clube que conta maior numero de admiradores?

• • • • • • • • • • • • • • •

FARIA NEVES SOBRINHO

A semana teve uma nota pungente. Na metrópole onde actualmente residia, faleceu Faria Neves Sobrinho, o princípe dos poetas pernambucanos. Esta notícia encorajou os pezinhos dos nossos círculos sociais e de letras onde o maravilhoso autor de *O Crepusculo* e do *Sol Posto* tinha as melhores relações a um incalculável número de admiradores.

A família do brilhante membro de letras falecido, A Pilheria envia o testemunho do seu pezar.

Chronicas do Verão

Eis o resultado total do nosso concurso que terminou esta semana:

Maria J. Salles	56
Iracy Passos	27
Irene de Carvalho	20
Eunice do Carmo Almeida	8
Therezita Santos	7
Donnitilla Leal	6
Aline d'Oliveira	5
Lucylla Moreira	4
Elzira Mendonça	3
Zuleida Passos	2
Esther Castro	1
Gizella Gomes	1
Carmelita Silva	1
Luizinha Albertina Pité	1

Como se vê acima, obteve o primeiro lugar, com 56 votos.

tos, a senhorinha Maria J. Salles, que poderá procurar, ou mandar procurar, em nossa redacção, o prêmio que prometemos à vencedora desse concurso. Sábado vindouro a "A Pilheria" publicará o seu retrato como uma merecida homenagem. Mlle. Maria J. Salles, que é, realmente, um dos lindos ornamentos da nossa sociedade, tem sido muito felicitada. O segundo lugar coube a distinta senhorinha Iracy Passos, uma das mais interessantes "bonecas" da sociedade olindense.

"A Pilheria" envia para bens às duas lindas veranistas.

* * *

VIDA DESPORTIVA



mejado título de Campeão, quase em poder de outrem.

A inabilidade e a obstinação do velho e querido gremio da rua da Aurora, criando em torno de si uma atmosfera de odios, de animosidade em todos os nossos círculos desportivos — dali a formidável torcida contraria, em todos os seus jogos — provou facilmente que, em desportos, estas teorias não servem, nada valendo.

E o Torre vencendo o campeonato de 1926 o fez brilhantemente, em duas de suas turmas.

Salve, pois, a madeira rubra!

CAMPEONATO DA CIDADE.
— TORRE, CAMPEÃO DE
1926, NOS PRIMEIROS E
SEGUNDOS QUADROS.

Com o jogo domingo ultimo, entre o Torre e o América, findou a temporada desportiva de 1926, levantando o título de campeão, nos primeiros e segundos quadros, o valoroso Torre Sport Club, vindo em seu segundo lugar o veterano Clube Náutico Capibaribe.

O desfecho deste campeonato vem provar que muito pode a vontade de vencer e quanto influe a inabilidade, conjugada com a obstinação.

A madeira rubra tomou a liderança da tabella de pontos, demonstrou que a vontade o esforço de seus homens, conseguiram vencer duplamente levantado o al-

A LINHA DO SÃO CHRISTOVÃO FEZ 69 GOALS.

Embora a comissão organizadora do combinado carioca não tivesse escolhido nenhum elemento do quadro campeão para a representação do Rio, sacrificando-nos, a linha do São Christovão foi a melhor da temporada.

Ela conseguiu fazer nada menos de 69 goals, tendo Henrique feito mais dois.

Para cinco homens fazarem 69 goals, elles deviam ter jogado muito.

VICENTE, CAMPEÃO DE GOALS.

Provando ser actualmente, já fóra de vida, o nosso melhor center-forward, Vicente fez nada menos de três goals contra o Flamengo.

Com estes três goals, Vicente perfez 24 goals, marcados durante a temporada de 1926, sendo o jogador que mais goals fez.

Até sábado estava Russinho em primeiro lugar, com 23 goals.

Vicente, conseguindo ficar em primeiro lugar, com 24 goals, ganhou um terno de roupa, oferecido por uma alfaiataria.

AMADO FEZ 32 DEFESAS

Amado jogou extraordinariamente contra o São Christovão. Para calcular-se o quanto foi eficiente a actuação do magnífico keeper rubro-negro, basta dizer que elle fez nada menos de 32 defesas, das quais 22 no segundo tempo.

Paulino fez sete defesas apenas, sendo quatro no primeiro tempo.

Pelo numero de defesas dos keepers, pode-se ter uma idéia do que foi o jogo.

ULTIMOS MODELOS

*Em calçados finos para
senhoras
e chapéos para homens*

RECEBEU

A INVENCIVEL

(Nova casa de calçados e chapéos)

Novo systema de venda:

— Do Fabricante ao Consumidor

Os 61432 clientes que fizeram compras em 65 dias atestam a veracidade do que afirmamos

NÃO HA LUCROS PHANTASTICOS

Rua Nova, 379

ESPINHOS E ROSAS

Quando entrámos no salão, o baile ia attingindo ao seu apogeu: os "jazz-bands" faziam resoar os seus instrumentos exóticos e os pares, às notas marcadas de um "fox-trot" compassado, obri-gavam a descair, ora para um, ora para outro lado, os corpos unidos, estreitamente unidos, languidos e amolleidos, a acompanhar o rythmo da musica.

Era num dos nossos grandes hoteis, em sabbado da Ascensão: ao esplendor das luzes, casava-se o perfume das flores com que fôra a sala ornamentada, para aquella sumptuosa noite de baile.

A concorrência era grande; e, contrastando com a língua das casacas e o collo nudas mulheres decotadas, fantasias as mais variadas, punham uma nota bizarra á festa, dando-lhe um aspecto carnavalesco: aqui, um bando multieôr de "pierrots"; ali, um grupo alegre de odaliscas; mais além, príncipes, rajahs, mandarins misturavam-se a pastores, camponezas, arlequins e alsacianas.

O calor era intenso, e o meu amigo, abafando, convidou-me:

—Vamos para uma das mesas próximas ao terraço? Dali poderemos apreciar muito bem e sem soffrer a tortura deste calor suffocante.

Atravessámos o salão, onde errava um cheiro penetrante de lança-perfume, mesclado à exhalação acre de suor, e dirigimo-nos a uma das muitas mesinhas, dispostas nas extremidades do grande terraço illuminado por lanternas japonezas de cores diversas.

Um "garçon" veiu, solícito, nos attender.

—Champagne — disse o meu amigo — e um prato com "sandwichs".

Eu percorria com o olhar o salão, agora calmo, onde os pares, de pé, aguardavam a musica; esta não tardou, fazendo vibrar os primeiros compassos de um tango argentino, harmonioso e dolente.

—Não sei porque — disse ao meu companheiro — acho o tango sempre nostalgie, improprio para uma noite de festa, em que tudo deve ser alegria... Já reparaste que todos os tangos se assemelham, quando mais não seja,

pela tristeza de que se revestem?

—É exacto — respondeu-me Eduardo, sorvendo um gole de "champagne". E ia proseguir quando, junto a nós, passou um par que nos prendeu a atenção: era uma linda rapariga, muito nova, vinte annos, talvez, em cuja tez morena, cór de jambo, dos olhos negros e scismadores brilhavam como duas pedras de onyx; a cabellera, negra também, toda crespa, cuidadosamente aparada, realçando a alvura de um collar de perolas; e na boca, semi-aberta, dois labios rubros e carnudos, no desabrochar de um sorriso, faziam transparecer os dentes perfeitos e bem alinhados. Esta va fantasiada, com uma especie de "pierrot" preto, com arabescos "grenat"; e a largueza da blusa disfarçava-lhe a perfeição das linhas do corpo esbelto de "fausse-magre"; os braços, porém, mostravam-se inteiramente descobertos, e o direito, contornando o pescoço do rapaz com quem dansava, trazia lembrança uma grossa espuma cór de marfim velho, a querer se enroscar; na mão esquerda, entre outros aneis, tinha uma alliança larga, ainda nova.

—Que linda rapariga! — disse eu. E já casada! O que mais me admira é que o marido constinta em que elle frequente taes logares.

—O marido? — fez Eduardo, sorrindo ironicamente. E depois de uma pequena pausa:

—Ella não é casada.
—Conheces, então? Quem é?

O meu amigo retirou do prato uma "sandwich", e trincando-a, continuou:

—Conheço apenas de vista, e sei que se chama Violante.

—E que mais? perguntei eu interessado.

—Tem uma historia muito interessante e muito dolorosa esta menina. — prossegui — Queres ouvir-a?

—De certo — affirmei. Eduardo sorveu novo gole de "champagne", tirou do bolso a cigarreira de prata e, accendendo um cigarro, depois de recusar-me eu a imitá-lo, começou:

—Ha um anno, mais ou menos, aquella senhora que

vés acolá (e apontou-me uma das mesas onde, em companhia de dois rapazes, uma mulher ainda moça, alta, loura, ricamente vestida, conversava animada), desembarcou aqui, de regresso do Norte, em companhia do marido, que é medico; e com o casal veio a Violante, pertencente a uma família muito conhecida em Pernambuco. Veio a passeio, para voltar dois ou tres meses depois.

—E ficou definitivamente?

—Espere, vamos com calma — continuou Eduardo — lá chegaremos.

A menina não conhecia o Rio; e como era natural, ficou deslumbrada, como acontece a quem pela primeiravez pisa uma grande capital. Começaram as festas, os bailes, pic-nics, chás-dansantes... Achavam-na bonita — e realmente ella o é — elogiaram-lhe a plastica, fizera-lhe nascer n'alma a ambição do luxo...

—Já adivinhou o resto? — interrompi affoito.

—Não adivinhas coisa alguma — retrorquivi Eduardo, meio enfadado. O fim é muito diverso do que supões.

—Ora, está-se a vêr: o luxo é o porto da perdição, o vestíbulo do vicio.

—Tens razão; mas neste caso a perdição não foi para satisfazer ao vicio, nem este predisposz áquella; ao contrario, houve, sim, uma armadilha muito bem feita, na qual Violante ficou presa para toda a vida.

—E quem preparou tal situação?

—A dama que a acompanhava.

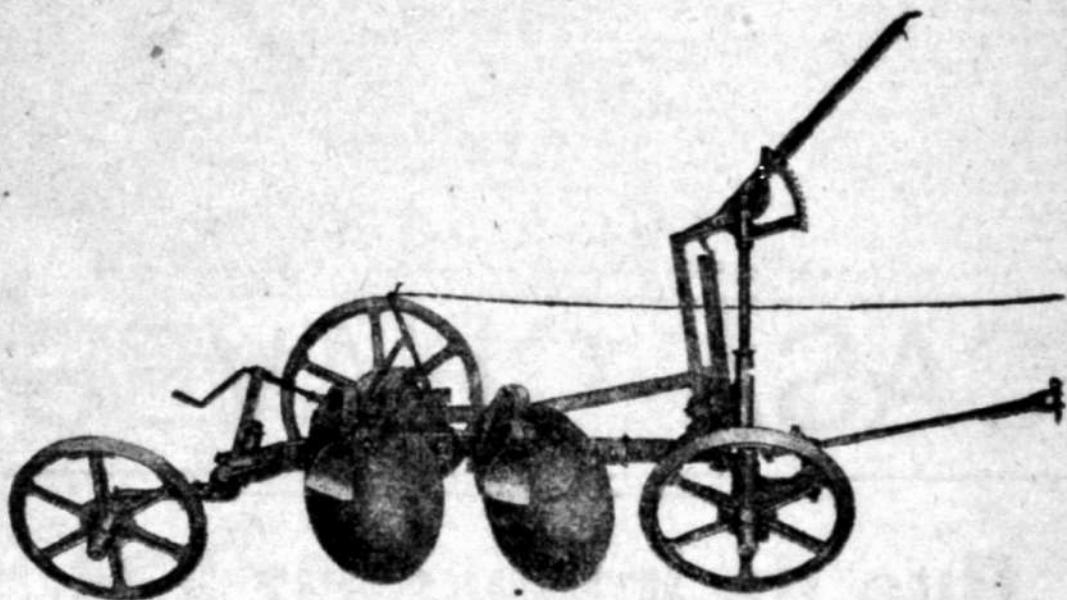
—Com que fim?

—Já vais entender. Como já te disse, o marido daquela senhora é medico; e, certa noite, ao chegar em casa, percebeu que um vulto, sorrateiramente, encostado ao muro, no jardim da casa em que moravam — uma casa lá para as bandas da Tijuca, no centro de grande terreno — procurava evitá ser visto.

O medico, porém, percegul-o, deu alarme e conseguiu detê-lo: vieram criados agarram-no, tomndo-o como ladrão. Interrogado, o rapaz confessou: viera ali por causa da moça, da Violante, a uma entrevista que lhe marcará.

— A R A D O S —
OLIVER
 AGENTES
Oscar Amorim & C.^{ia}

Rua Imperatriz 118
Praça da Independência 32 e 36
Recife



Arados de Disco D. 72

Último modelo e aperfeiçoado

Sortimento variado em

ARADOS

de disco e de aivecas, grade, sulcadores, etc.
para TRACTOR e tração animal.

A PILHÉRIA

Interpellada, a moça confessou: — sim, era seu... amante, desde muito, quando ainda em Pernambuco.

A dona da casa mostrou-se, primeiro, surpresa, depois indignada, e, por fim...

— Por fim? — interroguei eu.

— Por fim — rematou o meu amigo, atirando para o ar uma baforada de fumo — aceitou como facto consummado a situação que se delineava. Vê aquele rapaz loureado, alto, que está na mesa, à direita? Pois é o herói da aventura.

— Mas a armadilha? Não comprehendi.

— Pois não percebeste? Elle tinha ido lá por causa da outra, da mulher do medico; esta, porém, quando se viu perdida, appellou para o coração da joven, promettendo-lhe tudo quanto quisesse, desde que a salvasse; não a mandaria mais para Pernambuco, conserval-a-ia ao pé de si, morando em sua casa. A moça, penalizada, cedeu: assumiu a responsabilidade da falta que não praticara.

— E o marido? Não deu queixa à polícia?

— Ingenuo! Para que?

— Para que? Ora, essa! Para fazel-o cumprir com o seu dever, reparando a falta.

— Mas se já te disse a falta foi hypothetica, convencional; depois, a moça oppôz-se, declarou ser maior e ter agido por espontânea vontade. O medico quiz escrever para a família della, relatando tudo; mas ficou receoso do abalo que iria provocar na velha avó de Violante, orphã de nascimento, e que creará desde pequenina.

— E depois?

— Depois uma espanholita enguiabada fez convergir para a graça do seu "salero" e o estalido das castanholas a sua attenção, absorveu-o por completo, de maneira que...

— Acaba — disse eu, já ansioso.

Eduardo encheu de novo as nossas taças e, sacudindo os hombros, no gesto habitual com que traduzia a sua indiferença, conciliou:

— Achou melhor deixar ao acaso o curso dos acontecimentos; mesmo porque, verificou que a Violante poderia vir a ser, como sucedeu, uma boa fonte de receita para a

manutenção da casa, e, ao mesmo tempo, para que elle pudesse satisfazer, com maior facilidade, aos caprichos da sevilhana.

— E quem é esta hespanhola? — indaguei.

Eduardo teve um sorriso expressivo; e batendo-me no ombro e levantando-se:

— Eis aí a chave, a solução do problema: a hespanhola é a... intermediária; foi o rapaz quem a ajustou para isso, entregando-lhe mensalmente, além do que lhe dá o medico, boa parte do que ganha a Violante, que ainda concorre para o luxo da amiga.

Olhamos para o salão: a mesa de Violante estava agora ocupada por outras pessoas; descemos a escada e, ao chegarmos ao "hall" do hotel, estava parado à porta um luxuoso "Packard", por cuja porta aberta, ia entrando o vulto esbelto de uma mulher, envolta num amplo "manteau" de velludo negro, tão negro como a sua cabellera crespa, cuidadosamente aparada.

HONORIO DE CARVALHO.

CASA CHAVES

Rua da Imperatriz 234

Neste conhecido estabelecimento reformam-se e fabricam-se lindos modelos de chapéos de feltro e de palha para senhoras e crianças.

Permanente exposição de artigos da sua especialidade

UM ESTUDANTE APPICADO

(COMÉDIA SEM GRAÇA)

O automovel rolava pela avenida Belra-Mar, cruzando-se com uma infinidade deles. Enormes olhos amarelos em disparada...

Pelos passeios gente que vai e vem.

Homens a vender balas e bonbons.

Rapazes sem chapéu, fumando.

Moças e senhoras em toilette de verão.

Bondes que passam apinhados.

O mar sereno, calmo.

No céo límpido começavam a brotar as primeiras estrelas.

O medico suspendera a leitura de um livro que trazia e observava de relâmpago. Uma saudade vaga passou pelo seu coração.

Quanjo estudante fazia estes passeios.

Gosava então a delicia da praia e o encanto das mulheres deste trecho adorável...

Lembrou-se de um olhar, de um doce olhar que nunca mais teve.

Era uma menina-moça. Leve, esguia, de olhos grandes, bochecha talhada em discreto accento circumflexo...

Conheceu-a nesta esplendida Flamengo.

Por vezes muitas disseram coisas de todos os namorados.

Um dia, ella partiu para S. Paulo.

Roberto sentiu muitíssimo a sua ausencia. A Praia não lhe oferecia o mesmo deslumbramento.

Achava-a intoleravel, insípida...

A menina-moça prometeu escrever-lhe. Esperou... Nada! Nem uma carta siquer! Amou-a. Depois procurou esquecer-a.

Um signal mais forte do seu carro tirou-o de dentro do Passado.

Estavam entrando na rua Guanabara.

A poucos metros adeante, o auto parou. Um sorriso meigo recebeu o medico na ante-sala:

"Oh, meu Roberto! Como você se demorou hoje!... Estou com raiva... estou..."

Elle, muito amoroso, tomando o labio inferior, entre dedos, como costumava fa-

zer, mas... não teve coragem de beijal-o.

A esposa, entre appreensiva e coquette:

— "Então, não estou bonita hoje?..."

Que tem você, meu amor?... Está de testa franzida... mudado... Que ha?"

— "Nada, Margarida... Vamos jantar?"

* * *

O doutor Roberto Benvenuto, além de bom medico, era um literato finissimo.

Vivia estudando, ora os casos complicados de sua clinica numerosa, ora, como distração, as literaturas, acompanhando de perto o seu evolver.

Falta dizer que elle cultivava com certo carinho a Psychologia e que era o protótipo dos bons maridos.

Casados ha quasi um anno, sem uma unica rusga. Margarida estava admirada com as suas maneiras dessa tarde.

A refeição correu em absoluto silêncio.

Quando Roberto se assentou no divan, para fumar, a esposa, cheia de carinhos, fez novas perguntas.

Roberto respondia não satisfatoriamente, como que abstracto, longe, muito longe.

De vez em quando elle franzia a testa e fitava a esposa, demoradamente.

Ella, talvez cansada de fallar, olhava-o com meigice, como si perguntasse com os olhos:

— "Que fiz eu, meu amor?"

Roberto, indiferente, seguia as ondas azues do seu charuto.

Duas lagrimas escorreram pela face de Margarida.

E ella pensava:

— "Alguma intriga... quem sabe?..."

Ah! é impossível...

A Nacional

Fábrica de bonecos
de papelão.

Imitação celuloide

Concerta-se bonecos de celuloide e biscuits

N MONTEIRO

R. 13 de Maio, 923—Ste. Amaro

Elle está amando outra mulher... Não creio!

Estará doente?..."

Margarida, de pensamento a pensamento, passou tempos esquecidos com os cotovellós fincados na mesa, cheia de duvidas e appreensões.

Quando se dispôz a levantar, viu que o marido, no escriptorio, rabiscava uma lauda de papel.

E ella pensou mais:

— "Elle quer morrer... está sem coragem de se despedir de mim... aquellas palavras que escreve são a sua despedida, o seu ultimo adeus..."

Correu para o quarto de dormir e se ajoelhou deante do oratorio.

Roberto, de longe mirava-a, sorrindo tristemente.

Depois continuou a escrever.

A esposa, mais calma, porém abatida, deitou-se no largo leito, de onde podia observar todos os movimentos de Roberto.

Quando o relógio — despertador marcava 10 horas, Roberto vestiu o pyjama e foi para o quarto de dormir.

Margarida pediu mais uma vez:

— "Roberto, pelo amor de Deus... que houve?"

Elle continuou silenciosa. Vendo improfícuos todos os seus pedidos e suplicas, Margarida, saltando do leito, raiosa, bradou:

— "Si você não me disser, eu passarei toda a noite naquela divan!... Até amanhã!..."

No leito explodiu uma gargalhada estridente de Roberto.

— "Que graça!... Vou contar, meu amor! Eu quiz ver até quando eu poderia prolongar esta comédia!"

Estou fazendo um estudo sobre psychologia feminina, e você, agora me esteve servindo para experiência... Ah! está!..."

E riu de novo.

— "Mão!..." disse Margarida, contente, muito contente...

— "Perdão... sim, meu amor?"

Fechou-se o cortinado... Fim de todos os actos. Cae o pano.

ARTUR AFONSO.

A PILHÉRIA

Do que me contas, mano Pedro — disse Clara com sua voz suave de mulher bonita, — só não comprehendo como Lili e tu, vivendo juntos desde a infancia, só agoraaa...

— São segredos bem nossos, muito nossos — interrompeu o irmão, com um sorriso mysterioso nos labios. A historia do meu noivado, Clara, bem se pôde chamar a historia de dois beijos.

— Ah! E houve beijos?! — fez Clara, admirada. Contame tudo depressa, que eu já me vou a ralhar com a Lili...

— Não lhe ralhes, mana. A minha Lili ainda está tão traquinha... — fez o rapaz em um tom mais meigo.

— "A minha Lili" — falou a irmã no mesmo tom. Como já estás convencido! Pedro. Ainda hontem era simplesmente "a amiguinha de Clara" e agora já é "a minha Lili"...

Pedro sorriu, mostrando os dentes muito brancos, deslocados na moldura morena do rosto, e pôz-se a scissmar.

— E' então? — interrompeu Clara após um breve silencio. Conta-me a historia dos dois beijos.

— E' um segredo. Clara

Os dois beijos



— disse elle baixando a voz. Ella assentiu com a cabeça. Pedro pôz-se a fallar.

— Quando eu conheci a minha noivinha, não sabia ainda o que era o amôr; ella tambem não o sabia e foi por isso, talvez, que vivemos juntos cinco annos na chácara da tia Alice, muito amiguinhos, muito unidos, sem suspeitar que nos amavamos.

“Um dia, mamãe pensou em mandar-me á Europa a estudar, a ser gente e, na vespera de sahir da chácara da tia Alice, á tardinha, a sós a um canto da varanda, eu disse adeus a Lili.

“Estavamos recostados à balaustrada e eu via o rosto della que a lua alumia brandamente.

“Achei-a linda, maravilhosa e, não sei como foi, tomei-lhe as mãos e, meigamente, delicadamente, encostei meus labios nos della.

“Estremecemos. Fugimos.

“Nessa noite, no silêncio de nosso quarto, pela primeira vez nós comprehendemos o que era o amôr e “le m'aime”.

“Depois, eu fui para Paris.

“A principio, a imagem de Lili vivia-me nos olhos como uma sombra eterna, eu só me sentia bem ao escrever-lhe longas cartas cheias de confidencias e sobre as quais eu chorava como uma creança que era. Mas, passaram-se os tempos. Breve os encantos da “cidad luz” encheram-me a alma, roubaram-me o coração.

“Já eu pouco tempo tinha para lembrar-me de Lili e da minha paixão. Ficou sem resposta a primeira carta, outra, mais outra... Vieram outros amores.

“Afinal voltei a Brasil.

“Já nossa família não via mais na chácara de tia Alice, já eu não veria mais todos os dias os filhos meigos da minha amiguinha d'outr'ora, já não ouviria mais a voz suave da minha Lili...

“Lili não era mais aquela menina alegre dos tempos de creanca. A tia chamava-a nervosa. Vivia triste, chorava-a chorava às vezes. Fazia queixas de tia Alice en-

Os VERDADEIROS

FUMANTES

Preferem sempre os cigarros

Mistura 2

DA

Fabrica Lafayette

Juntei as minhas por ver que ella já não parecia ter por mim a mesma amizade; era agora fria, esquia, indiferente.

"Nunca procurei explicar-me à minha eterna namorada. Pensava que ella decerto gostaria de outro, que me havia esquecido.

Deixei de ir à chácara. Não tornei a vê-la senão raramente, quando ella vinha visitar-te.

Um dia, porém, ao chegar à cidade, soube que Lili sofrera um desastre, que estava moribunda.

"Corri para a chácara da Alice, para onde tu e mamãe já tinheis ido.

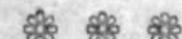
"Fui chorando como uma reançã. Pedia a Deus que ainda me deixasse vê-la viva.

"Penetrei à força no quarto.

"Lili lá estava sobre o leito, muito branca, com uma multidão de ataduras a prender-lhe os cabellos loiros.

"Todos choravam. Havia muita gente: médicos, enfermeiras.

"Ajoelhei-me junto o leito. Em vão quizeram arranjar-me dali para o jantar. teceli-me.



"Sahiram todos.

"A um canto a enfermeira cortava com cuidado umas gásas. O quarto estava quasi escuro.

"Olhei para Lili. Contemplei-lhe os olhos humidos, as faces brancas, os labios descorados.

"Lembrei-me então da noite daquella despedida e, como me parecesse vê-la partit novamente agora e para sempre, insensivelmente, irresistivelmente, colei aquela boca fria os meus labios em um longo beijo de amor e de saudade.

"A doentinha estremeceu ligeiramente, seu peito alteou-se um pouco e, em um sopro, ella murmurou o meu nome: Pedro!

"Puz-me a chorar de dor pela saudade de perdê-la; de alegria porque só então eu percebia que Lili nunca deixara de amar-me. Si seus labios de mulher adivinharam o toque dos meus — destes labios que haviam imprimido nelles o primeiro beijo de amor, é porque elles, sua alma, seu coração, toda ella me haviam pertencido sem-

pre e ainda eram meus, só meus":

Pedro calou-se um instante.

— O final, todos conhecem, prosseguiu. Por um favor da Virgem, a minha Lili foi melhorando pouco a pouco e eu, na minha qualidão de doutorando, encontrei razões para lhe não sahir da cabeceira durante toda a longa convalescência. Cada hora era uma pagina de amor a se acrescentar ás outras e, no dia em que Lili poude sahir à chácara pela primeira vez, eu lhe pedi que fosse minha esposa e ella, ainda pálida, e com as suas mãos presas nas minhas, disse-me que sim com a boca, com os olhos, com a cabeça, com...

— Mas, então, caro Pedro — interrompeu Clara sorrindo maliciosa — és um mentiroso, pois teu romance era a história de dois beijos e, com certeza...

— Ah! Isto é segredo! — disse Pedro, sorrindo também.

— E segredo de quem?

— Segredo das arvores da chácara e dos nossos labios.

Fernando Nascimento Silva.

PÓ DE ARROZ

LADY

"Beija-Flôr" -- Rio

E' O MELHOR E NÃO E' O MAIS CARO

À VENDA EM TODO O BRASIL

J. LOPES & C.º

Praça Tiradentes, 34, 36 e 38 — Rio

TORNEIO CHARADISTICO

Torneio de Natal

CHARADAS NOVISSIMAS

146) Em um recanto saudoso da chacara paterna, eu choro allucinadamente a perda de minha derradeira esperança. 2-1.

Mlle. Olinda.

(A' distinta collega Mlle. Olinda).

147) Na cidade de Olinda encontrei um homem incredulo. 2-1.

Carmelita.

148) Não avalias o amor, a amizade que tenho, sendo homem! 2-2.

Principe Negro.

149) Trepei-me na arvore e vi que a mulher caminha para a cidade. 2-3.

Phebo.

150) A flor que nada vale serve de boia. 2-1.

Dr. Woronoff.

151) Dei vida ao pobre doente levando-o para este povoado. 2-1.

Sen. Bira.

152) Guarda que corre quem guarda. 4-2.

Marinetti.

153) Nenhum homem de juizo leva sua senhora à dança. 1-2.

Duque d'Aba.

154) Que valor tem a cabeça do homem que é rude? 2-1.

Rodolpho Valentino.

155) Numa canha da largura de trinta centimetros, atravessei o canal. 3-1.

Dr. Werneck.

CHARADAS ELECTRICAS

156) Este homem, pela bravura que fez, merece a coroa triumphal. 2.

Phantasma da Opera.

157) O resgatador de captivos passou a emissario enviado para propôr a paz. 4.

Cravo-Roxo.

CHARADA CASAL

158) Não conheço quem seja astuto, quando em estado de embriaguez. 4.

Marcellino Netto

CHARADAS ANTIGAS

159)

Todo cavallo pequeno — 2
Tem cauda bem volumosa — 1
Foi por isso que Sileno
Disse offensa Graciosa.

Guiló.

(Ao men amigo particular Salvador Anônimo).

160)

Fica o dito por não dito. — 2
Disse assim o Salvador,
Ficou frio Benedicto. — 2
Porque seu gracejador?

Néo-Rosas.

161)

Branco, preto, verde, róxo,
Tudo tem minha primeira. — 1
Té as aguas crystallinas
Que correm pela ribeira. — 2.

E quando as aves ao longe — 2
Surgem, bando em revoada.
Faz, aqui, grande algazarra
Neste jogo a meninada.

Marinetti.

ENIGMAS

(Ao distinto charadista Rei Moura).

162)

Sou um rio caudaloso.
E animal sem destreza.
Sou tecido bem custoso
E ordem dinamarqueza.

Néo-Rosas.

(Ao distinto collega Raul Fateixa).

163)

Tem seis letras, meu Fá-
[teixa].
Bote logo na cachola.
Olhe, não faça bochecha.
Decifre, se tem escola:
E' bem facil meu total
Com duas ter quem quizer.
Conforme diz o Vital;
Que descobriu no engodo
Bom sapato de mulher.

Néo-Rosas.

LOGOGRAPHO

164)

Com gentil rapariga o Theo-
[tonio 1-7-6-4
Pra capella rumou seu ca-
[samento, 2-3-7-5-4
Convencido de que o Sacra-
[famento
Os poderes quebrava do de
[monio

Obrigado, mais tarde, reti-
[rou-se
A busca de recurso em lon-
[ge Estado.
E não tendo em seis annos
[regressado.
A mulher, no civil, então
[casou-se. 7-1-4-3-7

Logo após elle volta satis-
[feito:
E negocios tão bons havia
[feito.
Que uma somma trazia, re-
[gular.

A consorte procura... em
[conclusao, 1-7-5-4-1-7
P'ras juras respeitar do co-
[ração, 4-5-2-3-7-3
Foram os tres residir no
[mesmo lar.

Mlle. Olinda.

CORRIGENDA

No numero passado, no
Logographo n.º 145, de Ma-
rinetti, o ultimo algarismo
da segunda pedra, é 11, e
não 1, como saiu.

CORRESPONDENCIA

Recebemos de Rodolpho
Valentino, Dr. Werneck,
Mlle. Olinda e Dr. Woronoff.

RECAUDO

Jó-Jó — Dono, no Simões,
não é papa; DonoI, sim.

Na sua novissima Ossario,
não sei como o collega pou-
de encaixar rio em Bom-
fim. Por mais que estudasse
para ver se se tratava de
um true charadistico, não
pude descobrir. Foi mesmo
pelo Simões?

Mande novos trabalhos.

Mlle. Olinda — Sua volta
à esta seccão é motivo de ju-
bilo para todos. Alleluia! Al-
leluia!

Os mais lindos modelos de chapéos para
senhoras e crianças

V. Exc. encontrará na
A DEUSA DA MODA



**Casa que recebe também os mais
lindos tecidos para vestidos**

V. Exc. está pois convidada para fazer uma visita

A Deusa da Moda

— 98 - RUA DO LIVRAMENTO - 102 —

GAZ CARBONICO

350 RS. POR M³!



ANTIGAMENTE 700 RS.,
Agora, metade do preço!

Este preço excepcional é concedido para **Fogões á Gaz** quando o consumo exceder á 100.^{m³} mensal.

DEXAI-NOS COLLOCAR GRATUITAMENTE

Um Fogão á Gaz

E TRAZER FELICIDADE AO VOSO LAR

SEÇÃO DO GAZ, P. T. & P. Co, Ltd., R. D'AURORA